



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

EMANUEL VICTOR GOMES TEIXEIRA ALCÂNTARA

**CACHIMBOS DO XINGÓ: ANÁLISE TÉCNICA E PRIMEIRAS
INTERPRETAÇÕES**

Laranjeiras - SE

2019

EMANUEL VICTOR GOMES TEIXEIRA ALCÂNTARA

**CACHIMBOS DO XINGÓ: ANÁLISE TÉCNICA E PRIMEIRAS
INTERPRETAÇÕES**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Gilson Rambelli

Laranjeiras - SE

2019

Emanuel Victor Gomes Teixeira Alcântara

Cachimbos do Xingó: Análise técnica e primeiras interpretações

Monografia entregue como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Arqueologia, a comissão julgadora da Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador – Gilson Rambelli

Examinadora 1 – Doutora Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia

Examinadora 2 – Doutora Juliana Salles Machado Bueno

*À memória de Dona Avani e de
Elisabete que acreditou nesse
momento muito antes de qualquer
intenção minha surgir.*

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento não pode ser a outro, senão Deus.

No campo terreno, devo agradecer primeiramente ao Prof. Dr. Fernando Almeida que foi quem há um ano me apresentou ao tema e me incentivou a produzir este trabalho, me dando a oportunidade de estar no LAPSO e fazer parte das atividades do PROBASÃO. Devo estender os agradecimentos as professoras Lorena Garcia e Daniela Klokler que também fazem parte do Laboratório e me ajudaram na confecção deste trabalho, assim como diversos membros do LAPSO que foram de uma ajuda inenarrável, em especial Sandra e Ivan, ele que foi um dos maiores apoiadores dessa pesquisa em diversos momentos fornecendo escalas, canetas, celular e até o computador para que esse trabalho fosse possível.

Aproveito também para agradecer ao Prof. Gilson Rambelli quem em meio aos empecilhos da burocracia aceitou tão gentilmente assumir a orientação de minha pesquisa na reta final, a mais tensa. Agradeço a professora Juliana Machado por ter se disponibilizado prontamente para completar a banca examinadora. Devo estender os agradecimentos a todos os professores do Departamento de Arqueologia, em especial Marcia Guimarães, Olívia Carvalho e Leandro Duran.

Tenho que agradecer a Silvia que tantas vezes perdeu noites de sono só porque eu estava perdendo minhas noites de sono e, ainda assim, estava ao meu lado fazendo o papel de minha primeira editora. Bem como devo agradecer a André, um amigo improvável que foi um anjo nessa última etapa de minha graduação, tendo a esperança e o decorrente desespero que muitas vezes me faltavam.

Envio meus agradecimentos aos meus amigos da Paraíba, a Turma da Matriz que todas as vezes me recebe e me acompanha nos momentos nem tão bons, mas sempre regados com as melhores cachaças e as conversas mais desnecessárias. Agradeço ainda à Clarisse e Lucas pelos mesmos motivos.

Tenho que enviar meus agradecimentos a minha família de sangue, mas devo também agradecer a Deus pela família que ele me deu nas pessoas de Naldo, Graça, seus irmãos, irmãs e pais, que sem que eu pudesse oferecer nada em troca foram sempre de gentileza e doçura incalculáveis, obrigado a todos eles.

Agradeço as empresas que tornaram esse trabalho possível, à Messiato Comércio e Indústria Ltda. pelas inúmeras garrafinhas de Corote. À Engarrafamento Pitú S.A., pelas bebidas tão amargas, exceto o dulcíssimo “vinho” Do Frei. À Ambev S/A pelas cervejas boas e pelas ruins também. Claro que também devo agradecer as minhas contrerrâneas Cachaças Ipueira, Serra de Areia, Matuta e a cachaça do Engenho Mundo Novo.

Por fim, agradeço imensamente aos membros da Casa de Noca, essa colmeia miserável de escória e vilania.

RESUMO

Surgindo como uma singela contribuição para o entendimento da grande coleção proveniente do Projeto de Salvamento Arqueológico de Xingó. Essa pesquisa monta um breve histórico do consumo de tabaco e o uso de cachimbo nos povos Macro-Jê entendendo uma relação desses povos e os habitantes de Xingó, para assim formar uma ideia inicial das práticas de confecção e utilização dos cachimbos entre os nativos americanos. As peças foco dessa pesquisa são recorrentes em inúmeros sítios, citadas em diversos trabalhos arqueológicos e etnográficos que atestam sua importância em meio aos povos ameríndios. Levantando informações presentes nos relatórios de escavação dos sítios e em trabalhos acadêmicos sobre a região, o trabalho segue com foco nas coleções associadas aos cachimbos para compreender seu contexto nas diferentes ocupações dos sítios. Por fim, a pesquisa elucida uma série de questões propostas sobre a pasta e os antiplásticos a fim de descrever as alterações que surgiram ao longo do registro arqueológico.

Palavras-chave: Cachimbos; Análise de material Cerâmico; Xingó; Baixo São Francisco.

ABSTRACT

Arising as a simple contribution to the understanding of the great collection coming from the Xingó Archaeological Rescue Project. This research builds a brief history of tobacco consumption and the use of smoking pipes in the Macro-Jê groups, understanding a relation between these peoples and the inhabitants of Xingó, to create an initial idea of the practices of making and using pipes among Native Americans. The focus of this research is recurrent in numerous sites, cited in various archaeological and ethnographic works that attest its importance among Amerindian peoples. By gathering information from site excavation reports and academic papers on the region, this work continues with a focus on the collections associated with the pipes to understand their context in the different occupations' layers of the sites. Finally, the research elucidates a series of proposed questions about the clay and nonclay minerals in order to describe the changes that have arisen throughout the archaeological record.

Keywords: Pipes; Ceramic material analysis; Xingó; Low San Francisco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Área arqueológica do Xingó (Fonte: FAGUNDES, 2010).....	13
Figura 2: Índio Carajá (Adaptado de LIPKIND, 1948).....	21
Figura 3: Cachimbo Carajá (Adaptado de LIPKIND, 1948).....	21
Figura 4: Mapa dos Sítios Estudados.....	24
Figura 5: Adaptado de MORALES, 1999.....	30
Figura 6: Detalhe da base de um cachimbo “Forma 3”.....	34
Figura 7: Vista superior de um cachimbo “Forma 4”.....	35
Figura 8: Lateral de um cachimbo “Forma 4”.....	35
Figura 9: Cachimbo do sítio Porto Belo II.....	42
Figura 10: Cachimbo do sítio Dom Hélder.....	43
Figura 11: Louça do Sítio Barracão (Fonte: DE PAULA, 2018).....	44
Figura 12: Mapa de localização dos cachimbos e seu período.....	50
Figura 13: Visões laterais de cachimbo Xokó (Cortesia de Leandro Duran).....	51
Figura 14: Visões laterais de cachimbo Xokó consolidado (Cortesia: Leandro Duran).....	52
Figura 15: Detalhe do cachimbo 70377, Sítio Barracão.....	52
Figura 16: Detalhe do cachimbo 70725, Sítio Barracão.....	52
Figura 17: Fotografias do cachimbo consolidado, Sítio Justino (Fonte: LUNA, 2001).....	53

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Tabela de Formas dos Cachimbos do Xingó.....	32
Tabela 2: Cachimbos do sítio Justino.....	37
Tabela 3: Cachimbos do sítio São José I.....	40
Tabela 4: Cachimbos do sítio Barracão.....	41
Tabela 5: Fases de ocupação do Sítio Justino.....	47
Tabela 6: Descrição de porcentagem de antiplástico e angulo do quartzo nas peças do Sítio Cipó.....	49
Tabela 7: Espessura e proporção de Antiplástico dos cachimbos inteiros e fragmentados.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – O CONSUMO DE TABACO E OS CACHIMBOS DO XINGÓ.....	17
1.1 - ASPECTOS GERAIS DO CONSUMO DE TABACO NA AMÉRICA DO SUL.....	17
1.2 – O FUMO ENTRE AS POPULAÇÕES MACRO-JÊ.....	20
1.3 - A ÁREA ARQUEOLÓGICA DO XINGÓ.....	22
1.4 - A CERÂMICA DO XINGÓ.....	23
1.5 - OS SÍTIOS ESTUDADOS.....	24
CAPÍTULO II – TERMINOLOGIA E ANÁLISE.....	30
2.1 - TERMINOLOGIA PARA ANÁLISE DO CACHIMBO.....	30
2.2 - OS MODELOS DE CACHIMBOS.....	31
2.3 - OS CACHIMBOS DO XINGÓ.....	36
2.4 - INTERPRETAÇÕES INICIAIS.....	43
CAPÍTULO III – O CONTEXTO DOS CACHIMBOS.....	46
3.1 - AS DATAÇÕES.....	46
3.2 - OS CACHIMBOS E OS SÍTIOS DO XINGÓ.....	47
3.3 - OS CACHIMBOS HISTÓRICOS.....	50
3.4 – OS CACHIMBOS NÃO ANALISADOS.....	52
CONSIDERAÇÕES.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa atém-se aos cachimbos encontrados em escavações arqueológicas na região de Xingó, área que compreende o trecho do Rio São Francisco entre as antigas cachoeiras/corredeiras de Paulo Afonso e Xingó, ambas no baixo curso do rio. Os elementos se repetem em diversos sítios arqueológicos da região estudada e em inúmeros sítios por todo o continente americano, com grande amplitude cronológica e geográfica na arqueologia brasileira; entretanto, os mesmos foram pouco estudados e a carência de informações é ainda maior quando se trata de cachimbos ameríndios pré-Contato. Partindo disso, a pesquisa tem como objetivo contribuir para o entendimento dos diferentes aspectos de confecção, forma e, eventualmente, informações sobre o uso.

O trabalho está embasado em análises dos cachimbos que atualmente encontram-se em exibição e na reserva técnica do Museu Arqueológico do Xingó (MAX), situado no município de Canindé de São Francisco, no sertão sergipano. Além destes, somam-se às análises, os cachimbos acondicionados no Laboratório de Paisagem e Sociedade (LAPSO) da Universidade Federal de Sergipe – Campus de Laranjeiras.

Os cachimbos estudados para a produção dessa pesquisa são em sua maioria, provenientes das escavações do Projeto de Salvamento Arqueológico do Xingó (PAX), oriundos, especificamente dos sítios Justino, São José I, Barracão e Porto Belo II. Esses sítios estão localizados nas cidades de Canindé de São Francisco, na margem sergipana do rio, Piranhas e Delmiro Gouveia, na margem alagoana. Ademais, faz-se presente em nossas análises, um cachimbo que foi encontrado durante as atividades de campo do Projeto Baixo São Francisco (Probasão), nas proximidades do sítio Dom Helder,

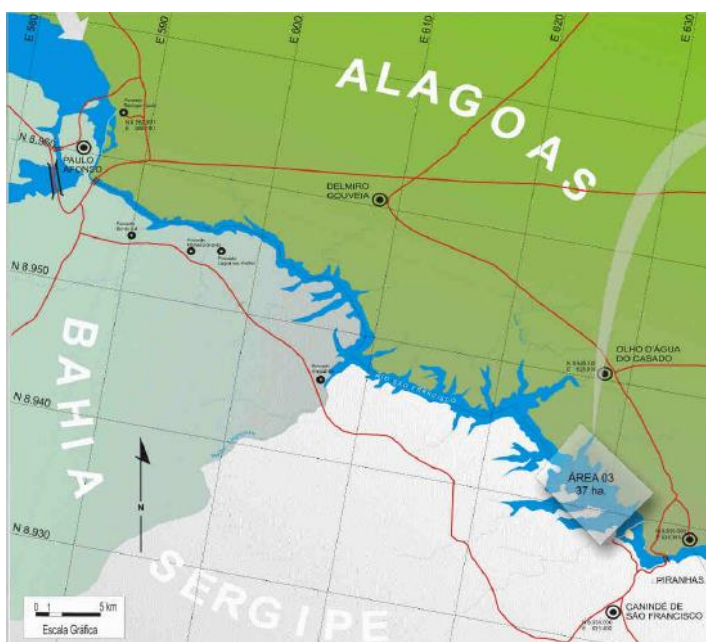


Figura 1: Área arqueológica do Xingó. (FAGUNDES, 2010)

que está inserido no Complexo Mundo Novo, também no município de Canindé de São Francisco.

Gaspar (2011) defende a importância dos estudos dos cachimbos alegando que esses elementos do registro arqueológico são o resultado da habilidade humana de manusear a plasticidade da argila, além das propriedades técnicas para a queima e consumo do fumo. Em sua observação, a autora fala unicamente dos cachimbos históricos; contudo, no presente trabalho, esse pensamento é estendido também aos cachimbos do contexto pré-colonial. Nossa pesquisa ainda se sustenta na ideia de que o cachimbo é apenas um dos objetos que formam o sítio. Estudos sobre materialidade associada e espacialidade ajuda ainda mais na percepção da agência humana no processo de formação do sítio, além da possibilidade de nortear ideias sobre em que contexto esses cachimbos estavam sendo utilizados e onde eram abandonados, caso houvesse esse processo de lúcido de descarte.

A análise dessas propriedades tecnológicas é essencial para que as populações do passado se tornem cada vez menos estranhas ao público, deixando uma singela contribuição para a comunidade acadêmica e abrindo questões que estimulem novos trabalhos sobre os cachimbos, sua fabricação, seu funcionamento, significância e todos os aspectos que estas peças possam ter.

Convém ressaltar que debate acerca dos cachimbos nos remete imediatamente a relação deste utensílio com o tabaco, ainda que não se deva desconsiderar a existência de outras plantas sendo consumidas. E é tendo como pressuposto essa interação do cachimbo com o tabaco que esse trabalho passa a entender, ao menos inicialmente, o que a planta poderia significar, de que maneiras ela estaria sendo consumida e com quais propósitos. Tais afirmações se baseiam quase que basicamente em relatos etnográficos e etno-históricos, já que o tabaco não apresenta fitólitos e ainda não existem trabalhos em larga escala que busquem identificar vestígios da planta por meio de estudos arqueométricos, conforme recém iniciou-se na América do Norte (CARMODY et al., 2018a; 2018b; ECHEVERRÍA et al, 2018)

A área estudada compreende o entorno das corredeiras de Xingó, entre os estados de Sergipe e Alagoas, região que desde a década de 1980 vem sendo examinada e se mostrando de grande importância para a compreensão da ocupação inicial do Nordeste Brasileiro, assim como das populações que ocuparam essa área. As pesquisas arqueológicas na região se iniciaram com os trabalhos de arqueologia preventiva relativos a construção da Usina Hidroelétrica de Xingó e se intensificaram com a fundação do Museu de Arqueologia

do Xingó e a abertura do Núcleo de Arqueologia – posteriormente, Departamento de Arqueologia – ambos sob a tutela da Universidade Federal de Sergipe, que ainda hoje realizam e fomentam pesquisas na região.

A quantidade de dados produzida atualmente permite inferências sobre de onde os povos de Xingó vieram. Almeida e Kater (2017) apresentam a hipótese que essas populações seriam ligadas aos povos falantes de línguas Macro-Jê que ocupavam o médio São Francisco, onde 5000 anos AP se separaram dando origem aos diversos dialetos reconhecidos no baixo São Francisco e porção oriental do Nordeste. Mello e colaboradores (2007 apud SCHUSTER, 2018) já haviam proposto a relação das populações do baixo São Francisco com os povos vindos das terras altas de Goiás e de outras áreas do Brasil central.

A longa ocupação das áreas marginais do rio São Francisco chega aos dias atuais e, assim como no período que antecede a chegada dos europeus, no período colonial a região cumpre um papel importante como aglutinador de povos e sucessivas ocupações. Essa imensa continuidade de atividades humanas trouxe a essa pesquisa a necessidade de analisar os cachimbos encontrados em contexto históricos e as alterações que o contato dos nativos com o colonizador pode ter gerado na forma, confecção e uso destes cachimbos. Agostini (2009) ao apresentar os resultados de seus estudos sobre os cachimbos do século XIX faz uma série de considerações sobre como essas peças, facilmente transformadas e repostas, podem trazer consigo uma série de informações sobre a cerâmica local.

A Área Arqueológica de Xingó apresenta desde cachimbos de mais de 4000 anos até cachimbos que remontam ao período colonial. É em razão dessa coleção privilegiada, que abriga alguns dos cachimbos mais antigos das Américas, que a pesquisa se desenvolve no intuito de compilar dados a respeito das peças e ajudar a elucidar questões mais amplas sobre os povos que habitaram a região.

O trabalho se estrutura em três capítulos. No primeiro é apresentada a relação de diversos povos Macro-Jê com o tabaco e o cachimbo, e também são apresentados os sítios dos quais as peças estudadas provêm de forma a apresentar a região a partir de trabalhos arqueológicos para fins acadêmicos e dos relatórios do PAX. O segundo capítulo dá continuidade ao texto apresentando a terminologia utilizada e a descrição dos cachimbos seguindo a ordem cronológica de cada sítio, iniciando assim a discussão dos dados obtidos. O último capítulo vem mostrar o contexto da cerâmica de Xingó nos contextos pré-coloniais e pós-contato a fim de relacionar os cachimbos aos processos maiores que marcam as mudanças

na materialidade dos sítios da região que, segundo Almeida e Klökler (2016), representa uma área de conexão entre o sertão e o litoral.

Posto isso, a pesquisa se estabelece tentando compreender as mudanças nas formas dos cachimbos e sua interação com os demais vestígios aos quais estariam ligados, proporcionando um entendimento sobre as mudanças contínuas que ocorreram ao longo de milênios e se refletem nos utensílios produzidos pelas populações que deixaram estes vestígios, possibilitando, dessa maneira, estudos como este nos dias de hoje. Para compreender essas mudanças, a pesquisa foca nos aspectos técnicos de produção das peças, identificando alterações nas receitas das pastas e nas formas, sempre procurando uma proximidade com as datações existentes e outros trabalhos que já se focaram na cerâmica e nas ocupações da região. Nos sítios estudados, já foram propostas divisões que explicassem as fases de ocupação e seus reflexos no registro arqueológico; sendo assim, essa pesquisa tenta ligar os cachimbos a essas propostas a fim de trazer mais informações sobre o contexto desses sítios. Por fim, a pesquisa verificará a existência de algum tipo de padrão na localização do sítio e o tipo de cachimbo utilizado.

Com análises quantitativas sobre aspectos técnicos, a pesquisa chegou ao presente escrito e segue iniciando um projeto relativamente maior, um projeto de mestrado, que expandirá as análises com maior escopo teórico e com uma amostra ainda mais ampla.

CAPÍTULO I – O CONSUMO DE TABACO E OS CACHIMBOS DO XINGÓ

1.1 - ASPECTOS GERAIS DO CONSUMO DE TABACO NA AMÉRICA DO SUL

A relação das populações ameríndias pré-colombianas com o manejo e o consumo de diversas variedades de tabaco – gênero *Nicotiana* – é antiga e, em alguns casos, quase tão antiga quanto a ocupação humana do continente americano. Ainda que haja discussão dentro da comunidade científica sobre as espécies e subespécies do gênero, é consenso que mais de 65% das espécies dessa planta são originárias das Américas, sendo mais de 50% nativas da América do Sul (WILBERT, 1993).

O interesse histórico dos povos humanos no tabaco é justificado pela busca das propriedades psicotrópicas dessas plantas, isso se reflete diretamente na dispersão e manejo das duas espécies mais distribuídas e recorrentes, a *Nicotiana rustica* e a *Nicotiana tabacum*, espécies com as maiores concentrações de nicotina, substância alcaloide que, em pequenas doses, provoca sensação analgésica e estimulante, além de suprimir fome e sede, mas quando utilizada em grandes quantidades pode levar o consumidor ao estado de catatonia e transe chegando a causar alucinações (IBIDEM).

A primeira tentativa de criar um compilado de informações sobre o consumo de tabaco na América do Sul foi realizada pelo arqueólogo sueco-finlandês Erland Nordenskiöld e colaboradores em 1919, criando mapas que localizavam e caracterizavam o fumo do tabaco baseando-se em informações etnográficas. Tal trabalho foi produzido anos após a publicação do artigo *Südamerikanische Rauchpfeifen* (em português, “Cachimbo Sul-americano”) de 1908, onde o pesquisador reuniu descrições e desenhos dos cachimbos em acervos existentes no continente, em especial as peças musealizadas provenientes do sul do Brasil (OYUELA-CAYCEDO & KAWA, 2015).

Com o mesmo intuito de produzir uma obra de referência, o antropólogo Johannes Wilbert escreveu o livro *Tobacco and Shamanism in South America*, publicado originalmente em 1987, onde cria uma coleção de informações bem mais ampla. Coletando dados provenientes de fontes etnográficas e etno-históricas, na obra, o autor cria mapas de dispersão das diferentes maneiras de consumo das diferentes espécies de *Nicotiana*, nesse caso o foco se

orienta para a função ritualística da planta em várias populações nativas da América do Sul (IBIDEM).

Ainda que seja consenso que a *N.tabacum*, variedade mais consumida de tabaco, seja o fruto da hibridização de duas outras espécies de *Nicotianas*, há divergência entre a arqueologia e a genética. Os estudos genéticos afirmam que a origem da planta foi resultado de um processo natural de hibridização de espécies que teria acontecido há 2 milhões de anos, datação que também fica sob discussão por existirem estudos que remontam a origem da planta há cerca de 6 milhões de anos (OYUELA-CAYCEDO & KAWA, 2015). Para a arqueologia, a hibridização que originou a planta foi fruto do manejo humano nos vales bolivianos ao leste dos Andes em algum momento entre 10.000 e 6.000 anos A.P. e foi rapidamente disseminada para o norte passando pela Amazônia e chegando as Guianas e para o Sul chegando ao Nordeste da Argentina. Estudos arqueológicos chegaram a essa conclusão devido ao aumento significativo de proporção de nicotina na planta, fato que seria diretamente ligado à busca das populações locais por plantas com maior potencial psicotrópico (WINTER, 2000 apud OYUELA-CAYCEDO & KAWA, 2015; WILBERT, 1993). Wilbert (op. cit.) constata que o consumo de tabaco é um comportamento quase exclusivo de povos horticultores, embora a planta seja quase sempre utilizada em seu estado selvagem ou “semidomesticado”, geralmente ligadas ao plantio de sementes selvagens próximas às habitações.

Nas populações ameríndias, a relação com o tabaco e o fumo é antiga. Desde a chegada dos europeus ao Novo Mundo, o consumo de tabaco pelas populações locais vem sendo registrado em crônicas e em diários dos primeiros exploradores, em contextos rituais e em uso recreativo. As populações das florestas tropicais já consumiam o tabaco com intuito de se submeter aos efeitos da nicotina antes da chegada dos povos europeus, diferentemente de outros povos ameríndios (STEWART, 1949 apud. WILBERT, 1993). Wilbert (op. cit.) fala da existência de um interesse histórico nas diversas variedades do tabaco exclusivamente motivado pelo interesse na nicotina e suas propriedades psicoativas.

Além dos já conhecidos rituais para “fechamento de corpo” para maus espíritos e proteção em momentos de conflito, o tabaco apresenta seu caráter mágico-religioso no registro arqueológico, como o exemplo do sítio Vale da Chavina no Peru. Nesse sítio, um crânio foi descoberto sendo forrado internamente com uma folha de *Nicotiana tabacum* em um enterramento Tiahuanco ligadas à outras plantas com datações que variam entre 355±200

e 120±100 da era Cristã. Além da presença de nicotina nos cabelos de múmias do Sítio Las Morenas I no Chile, o sítio ainda apresenta sementes carbonizadas de tabaco (OYUELA-CAYCEDO & KAWA, 2015).

A *Nicotiana tabacum* amplamente difundida nas terras baixas da América do Sul, se adaptou facilmente às terras úmidas do Pantanal e da Amazônia, onde a *N. rustica* não obteve a amplitude geográfica da espécie *tabacum*. Ainda assim as espécies de tabaco se expandiram absurdamente no continente americano, com uma abrangência comparada ao milho e à cabaça, em estado selvagem ou semidomesticada, a planta foi maneja e ressignificada por diversos povos nas Américas, podendo ter ou não caráter mágico ou espiritual.

O livro de Wilbert (1993) em chega a mapear as populações que se relacionam com o tabaco e posteriormente como cada grupo consome o consome, elencando 5 formas de uso – fumado, inalado como rapé, bebido como sucos e infusões, lambido e aplicações em enemas – baseando-se numa rica revisão dos trabalhos etnográficos e relatos de exploradores europeus, criando tabelas e mapas com datas da documentação e pesquisador responsável, tal qual a pesquisa etno-linguística de Curt Nimuendajú. O autor concebe ainda um mapa registrando as descrições de cachimbos em toda América do Sul, dividindo os artefatos em formas tubulares e formas em cotovelo. (OYUELA-CAYCEDO & KAWA, 2015).

O consumo entre as populações Jê do Brasil Central varia de grupo para grupo. Lowie (1946) descreve que esses povos, apesar de conhecerem o tabaco desde antes do contato, não cultivavam a planta que cumpre um papel insignificante nos rituais, relação descrita ao se referir aos povos Akwe, que viveram basicamente entre as bacias dos rios São Francisco, Tocantins e Araguaia, e aos povos Acroá que viveram a oeste do São Francisco em direção à Goiás. Entre os Carajá, os cachimbos registrados são tubulares e levemente abaulados com um aro em inciso fino junto ao lábio da peça, nesse grupo, o fumo recreativo é amplamente disseminado entre homens, mulheres e crianças, já que o tabaco é a única droga disponível (LIMPKIND, 1948; WILBERT, 1993).

Sendo o estudo de cachimbos dos nativos americanos é escasso, a pesquisa se apoia na literatura que trata da análise de cachimbos históricos, em especial os trabalhos de Agostini (1997; 2009) por apresentar terminologia especializada e conceitos próximos dos cachimbos indígenas, principalmente quando a autora apresenta que a partir do estudo de decoração, forma e técnica de confecção pode-se passar a conceituar estilos de cachimbos. Os

dados sobre a metodologia aplicada vêm contribuir com este projeto e os resultados obtidos por sua pesquisa podem guiar a diferenciação entre cachimbos indígenas e cachimbos de origem africana.

Atualmente existem pesquisas em curso sobre cachimbos do Museu de Arqueologia do Xingó. Em sua maioria, esses estudos baseiam-se em pesquisas arqueométricas para a identificação de matéria orgânica e busca de outros materiais suscetíveis às datações, como foi feito em cachimbos históricos provenientes de escavações ligadas à construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, no âmbito da arqueologia preventiva, apresentados nos trabalhos de Calza e colaboradores (2013).

1.2 - O FUMO ENTRE AS POPULAÇÕES MACRO-JÊ

Dentre as populações Jê do Brasil central, ao contrário da maioria dos povos indígenas, o fumo não representa parte importante do contexto mágico-religioso, cumprindo um papel quase que unicamente recreativo. Um padrão que não repete dentro de outras famílias linguísticas do tronco Macro-Jê, por exemplo, ocorre com os povos Canela mais ao norte, onde o fumo faz parte de rituais de cura para doenças infecciosas e o tabaco era fumado através de um funil (LOWIE, 1946 apud WILBERT, 1993). Os Canela pertencem à família linguística Timbira, sendo as populações dessa família conhecidas por serem contumazes fumantes, consumindo o tabaco como um charuto, uma folha de palmeira enrolada e preenchida com o tabaco, técnica similar aos povos Jê setentrionais, como os Suya. (STEINEN, 1886 apud WILBERT, op. cit) No contexto das populações Jê descritos por Wilbert (1987), destacam-se os Xavante e os Xerente, povos do Brasil central próximo ao Tocantins que fumam em cachimbos e plantam o tabaco que consomem (MAYBURY-LEWIS, 1965 apud WILBERT, op. cit).

Lowie (1946) ao apresentar os Bororo do Brasil central faz várias referências ao tabaco e descreve o uso da planta em contexto ritual com o fumo sendo utilizado em ritos de cura nos quais o “bari”, líder espiritual do grupo, fuma enquanto conversa com um porta-voz dos espíritos para que seja diagnosticada a causa de quaisquer doenças ou maldições que assolem um membro do grupo. Assim o relato desconsidera qualquer uso recreativo apesar de tratar constantemente do tabaco até em relações comerciais dentro do mesmo grupo.

Os povos Carajá da Ilha do Bananal, no médio curso do rio Araguaia, quando descritos por Lipkind (1948), plantavam o tabaco entre várias outras plantas, sendo que as folhas eram armazenadas em cestas penduradas dentro das casas nos postes de sustentação do teto para secagem. O tabaco era fumado em pequenos cachimbos tubulares levemente abaulados, com o fumo exercendo papel recreativo para esse grupo que é descrito como “fumantes assíduos”. Inclusive, em alguns casos o hábito de fumar começa ainda na primeira infância antes do bebê ser desmamado (WILBERT, 1993).



Figura 2: Índio Carajá (Adaptado de Lipkind, 1948)

Quanto ao plantio, este ocorre durante estação chuvosa e a colheita começa quando as folhas começam a cair naturalmente. A variedade de tabaco plantada pelos Carajá é mais suave e por esse motivo o tabaco mais consumido é uma variedade importada dos povos Javaé que habitam mais ao sul. Os cachimbos Carajá variam entre si, sendo sempre de fácil produção e reposição, o principal tipo de cachimbo é feito a partir da casca do fruto do Jequitibá (*Cariniana rubra*) que é alisado com uso de facas, a decoração pintada com tintas à base de urucum e pode apresentar gravuras geométricas ou



Figura 3: Cachimbo Carajá (Adaptado de LIPKIND, 1948)

aros seguindo a circunferência da peça (WILBERT, 1993).

Os Carajá após o contato com o colonizador mudaram seus hábitos de consumo do tabaco, passando a fumá-lo em cachimbos angulares feitos de argila, os indígenas preenchiam dois terços do interior do cachimbo com tabaco prensado e queimavam o fumo colocando um pequeno pedaço de carvão em brasa sobre a planta a ser fumada.

Em seu trabalho publicado no *Handbook of South American Indians*, Métraux (1948) descreve as populações que foram nomeadas genericamente de Botocudo, povos que

viviam entre a região de Porto Seguro até a cabeceira do Rio Jequitinhonha. O autor descreve que o fumo tinha funções medicinais, mas não se refere ao uso de tabaco, a planta fumada seria o andauçu (*Joanesia princeps*) no tratamento de doenças respiratórias, sem referências a tabaco ou cachimbos.

O uso medicinal do fumo se repete nos povos Timbira que viviam entre as bacias do rio Tocantins e do rio Parnaíba. Nesse grupo, o fumo já apresentava relação com aspectos mágico-religiosos. Os ritos de cura começavam com apelos aos mortos que, quando ineficazes, eram sucedidos por consulta ao curandeiro que fuma o tabaco através de um funil e sopra a fumaça sobre quem busca o tratamento. O mesmo procedimento é feito a fim de prevenir epidemias com todos os membros do grupo que se rastejam próximo ao curandeiro durante o rito (LOWIE, 1946).

Divergindo do padrão das populações Jê, os Apinayé empregam o tabaco em contexto ritual onde o xamã se utiliza da planta para entrar em transe e obter orientações das almas dos mortos, prática temida pelos demais partícipes do grupo, o xamã é despertado por um curandeiro que recebe um sopro de fumaça do tabaco de um assistente do xamã. Lowie (op. cit) ao descrever o ritual já aponta a singularidade deste ato entre os povos Jê da região e associa esse comportamento com uma suposta influência Tupi.

1.3 - A ÁREA ARQUEOLÓGICA DO XINGÓ

A região que compreende o segmento do rio São Francisco entre o entorno das corredeiras do Xingó e as corredeiras de Paulo Afonso foi intensamente estudada devido ao seu potencial arqueológico descoberto no decorrer das obras referentes à construção das represas das Usinas Hidroelétricas nestas corredeiras e a consequente inundação de áreas marginais do rio. Conforme ocorreu em outros pontos do São Francisco, a construção da barragem em Xingó demandou um grande projeto de salvamento arqueológico, assim como aconteceu na construção da barragem no município Petrolândia, em Pernambuco, durante o Projeto de Salvamento de Itaparica (MARTIN, 2008). As atividades do PAX (Projeto Arqueológico de Xingó) foram realizadas a pedido da Companhia Hidroelétrica do São Francisco e executadas por uma parceria de pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe que se responsabilizou pelo levantamento e resgate de sítios localizados na área de inundação, com apoio institucional da Fundação do Homem Americano (FUNDHAM) e das

Universidades Federais da Bahia e de Alagoas. O projeto foi fundamentado em três critérios como indícios da existência de sítios arqueológicos, sendo eles, identificação de terraços ao longo do São Francisco e seus afluentes que foram usados como ocupações, presença de vestígios arqueológicos em superfície e identificação de abrigos sob rocha com registros rupestres (DANTAS & LIMA, 2014).

Atualmente um novo projeto de arqueologia está em andamento, o Projeto Baixo São Francisco (PROBASÃO), liderado pelo Prof. Dr. Fernando Almeida e pela Prof^a. Dr^a. Daniela Klokler. Com o objetivo de compreender as relações existentes entre os povos ceramistas locais e, conseqüentemente, entre esses povos com os colonizadores europeus, por meio de intervenções em áreas amplas e intervenções pontuais através de abordagens interdisciplinares, o PROBASÃO justifica-se devido à escassa produção acadêmica sobre o baixo curso do Rio São Francisco, que é compreendido como uma paisagem de interação entre o interior e o litoral, testemunhado relações amistosas e belicosas ao longo dos anos de ocupação da região (ALMEIDA & KLOKLER, 2016).

Os resultados desses projetos geraram e ainda geram uma coleção de vestígios arqueológicos e dados que abrem um gama de possibilidades de trabalhos; ao longo das atividades dos projetos, cachimbos diversificados foram escavados ou coletados em vários sítios no entorno das corredeiras do Xingó, o trabalho segue descrevendo esses sítios e as peças estudadas durante a pesquisa que culminou no presente escrito.

1.4 - A CERÂMICA DO XINGÓ

A cerâmica de Xingó que data de mais de 4000 anos se caracteriza por serem peças de formas simples, bases aplainadas e pelo uso de areia como antiplástico com uma pasta escura, nas faces interna e externa de suas vasilhas apresenta alisamento como tratamento de superfície e a decoração é escassa (ALMEIDA & KATER, 2017; LUNA; 2005). As decorações plásticas são elaboradas embora sejam poucas, principalmente incisos e escovados que se tornam mais elaborados nas camadas mais antigas dos sítios (LUNA, 2001).

As formas se resumem, quase que basicamente, a vasilhas abertas de forma simples feitas em acordelado ou moldado, se destacando pela presença dos cachimbos e vasilhames em contextos funerários, as vasilhas acompanham enterramentos primários

havendo urnas funerárias para sepultamento de crianças. Os vestígios cerâmicos apresentam poucas marcas de fuligem ou de queima, isso somado ao tamanho reduzido das vasilhas – 8 a 21cm de diâmetro na boca – dá ideia sobre o uso da cerâmica, possivelmente utilizado na contenção de líquidos para consumo individual e cotidiano (IBIDEM).

A visão homogênea da cerâmica do Xingó pode dificultar o entendimento dos povos ceramistas, já que desconsideram os eventos menores que podem trazer mais informações sobre a profundidade temporal e ligação com outros povos e tradições cerâmicas. Almeida e Kater (2017) apontam semelhanças estilísticas entre a cerâmica do Xingó com a Tradição Una do Alto São Francisco e, eventualmente, semelhanças com cerâmicas Itararé-Taquara. Luna (2001) destaca semelhanças do Xingó com a Fase Curaçá nos cortejos dos sepultamentos e, em suas fases mais recentes, proximidade com as cerâmicas de complexos dunares do sub-médio São Francisco. Admitindo que as datações do sítio Justino estejam corretas, essas informações fortalecem o que Almeida e Kater (op. cit.) propõem ao apresentar o São Francisco como via de expansão das culturas Macro-Jê nas terras baixas do Brasil.

1.5 - OS SÍTIOS ESTUDADOS

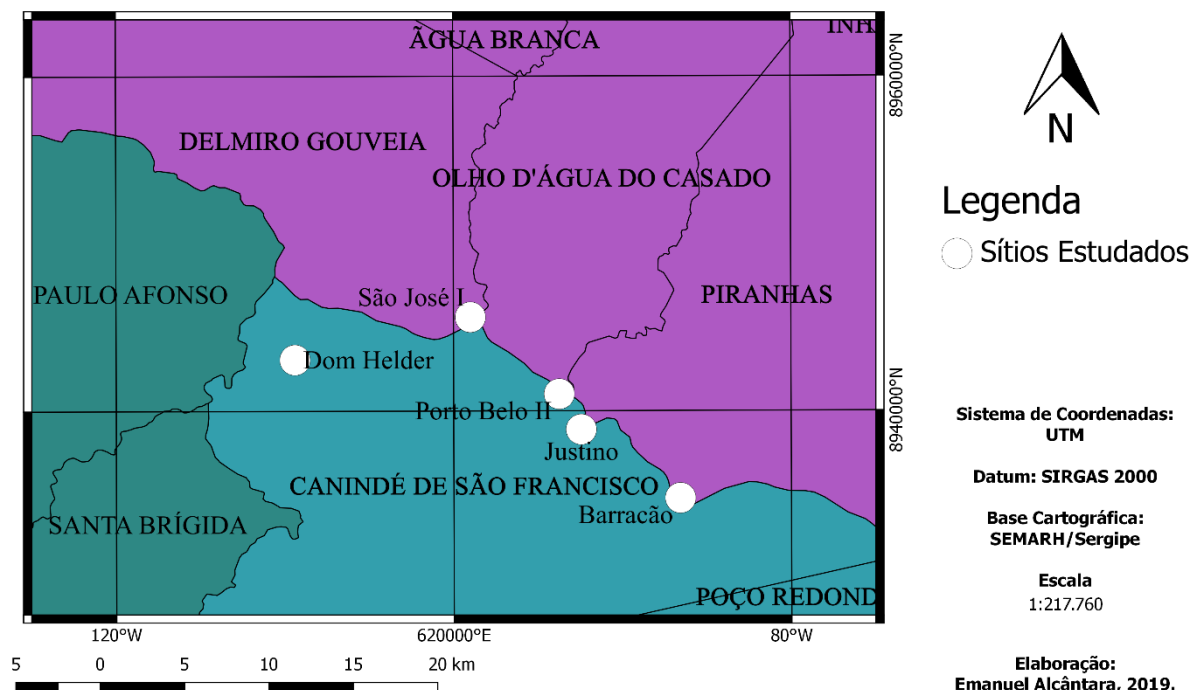


Figura 4: Mapa dos Sítios Estudados

SÍTIO JUSTINO

Descoberto durante as atividades do PAX, o sítio Justino localiza-se nas proximidades do rio Curituba, pequeno afluente do São Francisco na margem sergipana, no município de Canindé de São Francisco, mais precisamente no terraço fluvial, área hoje inundada pelas águas da barragem da Usina Hidroelétrica do Xingó. O sítio apresentou material arqueológico desde a superfície, material este que se encontrava perturbado devido a atividades de horticultura onde o sítio estava (VERGNE, 2002).

O Justino foi escavado seguindo os moldes do projeto, com escavação por decapagens de superfícies amplas conforme o estabelecido por Leroi-Gourhan, assim realizando a escavação total do sítio e preservando o contexto original. Os trabalhos revelaram um acervo de mais de 55.000 peças, bem como dezenas de fogueiras e sepultamentos (estes que dão notoriedade ao sítio), além de sua datação que chega à atingir aproximadamente 9000 anos AP. (VERGNE, 1996 apud VERGNE, 2002). Foram encontrados 167 sepultamentos e 185 esqueletos nesse sítio que foi o maior encontrado na área arqueológica do Xingó com 1620m² de área escavada.

Almeida e Kater (2017) apontam a importância do Justino no período pré-colonial por aparentemente os sítios dos terraços cumprirem um papel ritualístico, tendo em vista que esses sítios foram utilizados como cemitérios de povos mais distantes do rio, precisamente das corredeiras. Há ainda a explicação econômica para a relação desses povos com o Justino, essa versão prega uma grande antiguidade das técnicas de acampamentos de caça próximos de drenagens secundárias, como alternativa ao pensamento de que houvesse uma hegemonia da busca por alimentos provenientes do meio aquático.

Vergne (2002 apud CARVALHO, 2007) afirma que a variabilidade de materiais relacionados aos enterramentos e sua distribuição horizontal e vertical justificaria a divisão do sítio em 4 conjuntos que foram nomeados alfabeticamente a partir da superfície para o embasamento rochoso, assim são os cemitérios A, B, C e D. O cemitério D, o mais antigo e mais profundo, corresponde o intervalo entre os níveis 52 e 29 onde foram encontradas apenas 5 sepulturas e duas concentrações de ossos, uma amostra de carvão encontrado no nível 40 foi datado de 8980±70 AP, remontando ao período pré-ceramista do sítio.

O espaço entre os níveis 28 e 16 foi caracterizado como o cemitério C, este conjunto marca o início do período ceramista do sítio, seguindo a divisão proposta pela

autora, é neste conjunto que foram encontrados os mais antigos cachimbos do sítio, junto aos enterramentos 133, 130 e 145 nos níveis 23, 22 e 18, respectivamente. Nesse cemitério, os três cachimbos encontrados são em forma de rabo de peixe e quanto a datação, uma amostra de carvão do nível 20 foi datado de 4380 ± 70 anos AP. Logo acima, está o cemitério B, que compreende os níveis entre os níveis 15 e 9, esse conjunto é inteiramente inserido num período ceramista e foi nesse cemitério que se evidenciou os demais cachimbos do sítio analisados por essa pesquisa. Os cachimbos estavam ligados aos sepultamentos 102 no nível 13, 60 e 83 no nível 10 e um último no sepultamento 92 no nível 09, desta vez, os cachimbos encontrados são todos do tipo cotovelo com dois tipos de bases diferentes em oposição com o modelo único do conjunto mais antigo. Quanto a datação, um carvão do nível 13 foi datado de 3270 ± 135 anos AP e um segundo carvão do nível 10 foi datado de 2650 ± 160 anos AP. Já o cemitério mais recente, cemitério A, compreende os sepultamentos a partir do nível 8 até o nível 4, sendo 51 sepultamentos, 8 cremações e 13 concentrações de ossos humanos, nesse conjunto não foram encontrados cachimbos, embora ainda existam artefatos líticos e cerâmicos, além de restos faunísticos. As datações são de 2538 ± 160 anos AP no nível mais profundo e 1280 ± 45 na camada mais recente (VERGNE, 2002 apud CARVALHO, 2007).

A enorme quantidade de sepultamentos encontrados no Sítio Justino requereu um método de salvamento do material que fosse rápido e permitisse posteriores estudos bioantropológicos e tafonômicos em laboratório. A metodologia adotada foi a escavação parcial dos sepultamentos que em seguida foram cobertos de gesso formando uma espécie de invólucro para os esqueletos preservando os materiais ligados ao sepultamento e o sedimento que envolve o esqueleto, esses invólucros denominados “casulos” posteriormente foram abertos em sua totalidade, até o término da pesquisa ainda existem casulos que ainda não foram abertos.

SÍTIO SÃO JOSÉ I

Localizado em Delmiro Gouveia, município alagoano, próximo do Riacho Talhado na Fazenda São José, o Sítio São José está situado no terraço da confluência do riacho com o Rio São Francisco próximo ao Sítio São José II, uma das necrópoles da Área Arqueológica do Xingó. A escavação neste local ocorreu em duas trincheiras transversais: a primeira paralela ao rio medindo 2m x 18m, e a segunda, transversal medindo 2m x 28m.

Estas foram escavadas em níveis artificiais de 20 cm e além da limpeza dos 15 primeiros centímetros de areia, ao fim dos trabalhos atingindo 1,75m em quadrículas de 1m x 1m (LUNA, 2001).

Ao fim da escavação foi percebido uma maior intensificação de material cerâmico nos níveis mais superficiais, os fragmentos apresentavam decoração escovada e pintura com pigmentos não resistentes a água, sendo entendidos como pintura pós-queima, nas cerâmicas do período colonial encontradas no sítio isto não acontece denotando uma alteração nos métodos de decoração os utensílios. O antiplástico utilizado é basicamente areia, com algumas peças sendo fabricadas com areia e mica, também existindo fragmentos de cerâmica sem antiplástico (PAX, 2000).

As técnicas de manufatura identificadas são acordelado, modelado e torneado, este último se apresenta em peças cerâmica esmaltadas, tipo de técnica inserida no Brasil pelos europeus definindo uma cerâmica pós-contato (PAX, 2000). No relatório do sítio, os cachimbos analisados por esta pesquisa não foram citados.

SÍTIO BARRACÃO

Sítio localizado no município alagoano de Piranhas foi evidenciado por pesquisadores que formavam a equipe técnica do MAX/UFS liderados pela Prof^a Dr^a Cleonice Vergne. O sítio Barracão foi escavado do dia 03/08 ao dia 01/09 de 1995. Trata-se de um sítio a céu aberto no terraço do Rio São Francisco, onde foi evidenciado majoritariamente material cerâmico e uma grande quantidade de vestígios osteológicos, ainda há uma quantidade relevante de material lítico (MAX, 2007).

A escavação se deu basicamente em sondagens e escavações, respectivamente representando as vertentes metodológicas Inglesa e Francesa. A primeira fundamentada nas propostas de Mortimer Wheeler, que propõe a existência de muros testemunhos a fim de melhor compreensão da estratificação do sítio. Já a proposta francesa segue o modelo pensado por Leroi-Gourhan que foca no eixo horizontal para que assim melhor se compreenda a distribuição dos elementos que constituem o sítio. Assim, o sítio foi escavado em decapagens seguindo quadriculas de 5x5m dispostas por toda a área do sítio e escavando as unidades até atingir o embasamento rochoso. A escavação parou na decapagem 50, quando

atingiu o embasamento rochoso à 5,20m de profundidade numa área total de escavação de 221m². Ainda que só tenham sido evidenciados vestígios arqueológicos até a decapagem 25 deu-se continuidade à escavação com o intuito de manter o padrão de pesquisa no projeto que sempre escavava o sítio até que fosse atingido o embasamento rochoso ou o lençol d'água (IBIDEM).

O relatório final das escavações propõe que o todo material entre a camada denominada “Limpeza” até a camada 05 são vestígios do período pós-contato, caracterizado por alta variabilidade de formas e técnicas de decoração e tratamento de superfície, assim se diferenciando da baixa variabilidade de formas e tratamentos de superfície. É justamente nesse intervalo que foram localizados os cachimbos do sítio Barracão, o relatório fala da existência de três cachimbos, um na camada 01, um na camada 02 e o último na camada 03. As três camadas representam as camadas com maior densidade de achados cerâmicos no contexto histórico, juntas representam 86,76% da cerâmica pós-contato do sítio. Também no momento mais recente do sítio é onde se encontra o maior contingente de outros materiais históricos como louças e material construtivo, esse último tem sua maior concentração na camada 02 (IBIDEM).

SÍTIO PORTO BELO II

Mais um dos sítios encontrados pela equipe do PAX, o Porto Belo II também se encontra submerso nas águas do lago da Usina Hidroelétrica de Xingó. Originalmente o sítio estava no terraço próximo ao encontro das águas de um riacho com o rio São Francisco. Para as atividades de escavação do sítio, foram abertas três trincheiras escavadas em níveis artificiais de 20 cm, uma trincheira paralela ao curso do rio com área de 66m² e duas transversais, uma de 40m² e outra de 26m². Assim como nos demais sítios, o Porto Belo II foi escavado até atingir o embasamento rochoso, revelando 385 peças cerâmicas, 112 artefatos líticos, além de vestígios faunísticos e de ossos humanos (NUNES, 2018).

Foi exatamente na camada onde foram encontrados os fragmentos de ossos humanos, a camada 02, que foi encontrado o fragmento de cachimbo do sítio. A parte proximal de um cachimbo em formato de rabo de peixe foi encontrada numa camada junto a outros 88 fragmentos cerâmicos e 21 peças líticas, nessa camada ainda foi evidenciada uma estrutura de combustão, 9 vestígios zooarqueológicos e carvão. Nesse sítio, as vasilhas semi-

esféricas compreendem a forma que mais se repete, com contorno simples e boca constrita. São vasilhas grandes, a maioria tendo mais de 30 cm de diâmetro da boca, no entanto, grandes potes são ausentes indicando a permanência por curtos períodos nesses sítios (IBIDEM).

SÍTIO DOM HELDER

O sítio se encontra no platô do Rio São Francisco dentro da Fazenda Mundo Novo, o Dom Helder está inserido em um complexo de sítios de registros rupestres sobre paredões areníticos a poucos quilômetros do leito do rio. As primeiras atividades de escavação ocorreram em 2012 sob coordenação da Prof^a Dr.^a Suely Amâncio-Martinelli. Ao fim desse trabalho foi evidenciada parte do paredão que havia se desprendido da rocha, fragmento esse que continha pinturas que complementam o painel do sítio, ainda foram resgatados artefatos líticos ligados ao paredão (GHIGGI, 2015).

Em 2016, as escavações no Sítio foram retomadas, desta vez como parte das atividades do PROBASÃO. Na primeira fase de prospecções foi encontrado um cachimbo em forma de rabo de peixe depositado sobre uma rocha na parte posterior do paredão onde se encontram as pinturas que caracterizam o sítio (LOPES, com. pessoal).

CAPÍTULO II – TERMINOLOGIA E ANÁLISE

2.1 - TERMINOLOGIA PARA ANÁLISE DO CACHIMBO

A falta de trabalhos especializados, juntamente com a ocorrência de trabalhos que apenas contabilizam os cachimbos em descrições gerais de camadas ou sítios inteiros, impuseram a esta pesquisa a necessidade de compilar informações sobre os cachimbos nos sítios brasileiros em especial os sítios da região nordeste (LUNA, 2001; 2005; 2006; MENDES JUNIOR, 2012; MARTIN, 2005; CARVALHO, 2007). Ainda que apoiado nos trabalhos de Chymz (1976) e La Salvia & Brochado (1989), a pesquisa demandava por termos que correspondessem às particularidades dos cachimbos, com o arcabouço de trabalhos que se atém à utilização de cachimbos ou ao consumo de tabaco (WILBERT, 1993; MORALES, 1999; CARMODY at. al, 2018a; 2018b; AGOSTINI, 2009; ECHEVERRÍA, 2014; MARQUES, 2012). E ainda, seguindo outros trabalhos que classificaram os cachimbos (SERRANO, 1938; OTT, 1958; D'AQUINO, 2001) a pesquisa chegou à seguinte terminologia para análise de cachimbos ameríndios pré-Contato e do período histórico.

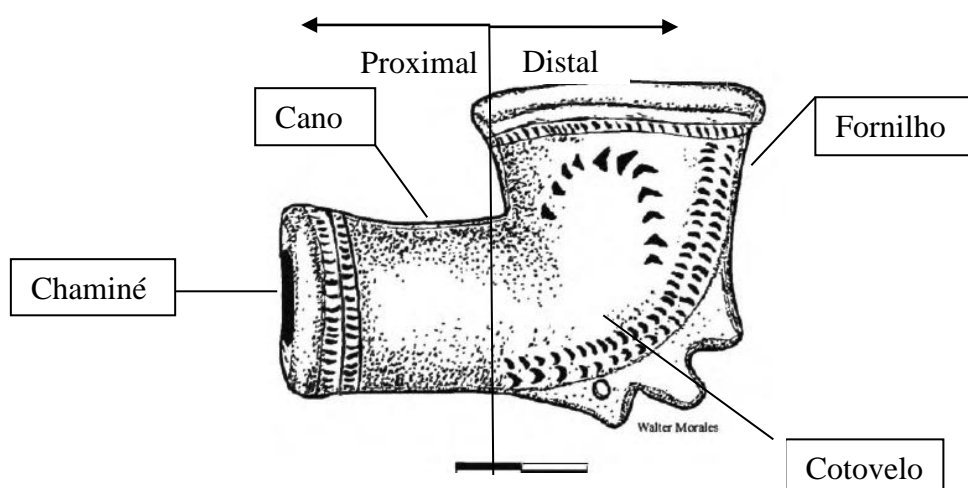


Figura 5: Adaptado de MORALES, 1999

1. Cachimbo Tubular: O cachimbo tubular é definido pela ausência de angulação no corpo da peça, como o nome diz, em forma de tubo. Assim, a peça não apresenta diferenciação entre o fornilho e o duto de ar.

2. Cachimbo em Cotovelo (ou Angular): O cachimbo em cotovelo se define pela existência de angulação entre o fornilho e o cano, logo a diferença entre esses elementos pode ser facilmente identificada.

a. Fornilho: Pequeno refratário onde o tabaco e/ou demais plantas são depositadas e posteriormente queimadas.

b. Cotovelo: Elemento diagnóstico dos cachimbos em cotovelo, este termo se refere ao ponto de angulação entre o cano e o fornilho, delimitando externa e internamente esses elementos. No caso de cachimbos moldados em duas bolotas de argila, o cotovelo marca o ponto de junção dessas massas de argila.

c. Duto de ar/Cano: Vão interno que leva fumaça e gases produzidos no fornilho para a boca do usuário, quando usado o termo “cano” se refere ao vão e a cerâmica que o forma.

d. Chaminé (ou Piteira): Parte final do cachimbo que entra em contato com a boca do usuário para inalação da fumaça, englobando o orifício na parte proximal e os elementos que o circundam ou possam servir para acomodação do cachimbo na boca. Termo pouco utilizado, geralmente esse elemento é tratado como parte do cano. Partindo da disposição desses elementos, sua ausência ou presença e dimensões, foram elaborados modelos que representassem as diferentes formas que os cachimbos da área arqueológica do Xingó apresentam.

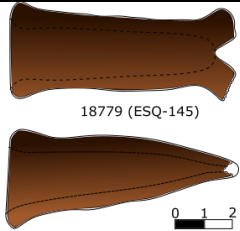
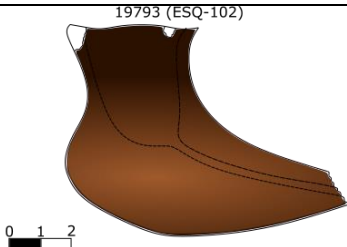
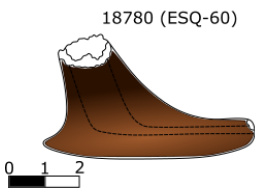
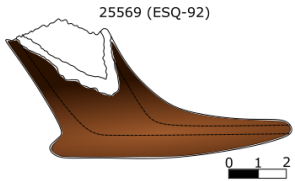
2.2 - OS MODELOS DE CACHIMBOS

Findadas as análises dos cachimbos foram identificadas cinco formas diferentes. A ordem de apresentação dos cachimbos tentará seguir uma ordem cronológica baseando-se principalmente nas datações de materiais dos mesmos níveis dos cachimbos ou níveis que representem a mesma fase de ocupação. Sendo assim, torna-se compreensível a atenção dada ao eixo vertical dos cachimbos no Sítio Justino, por sua amplitude de ocupação ao longo dos anos e a riqueza de datações e trabalhos sobre as diferentes ocupações (LUNA, 2001; VERGNE, 2002, FAGUNDES, 2010a).

Para uma melhor compreensão dos modelos, foram criadas imagens dos cachimbos que representam as formas em questão utilizando o *software InkScape*, as peças foram desenhadas priorizando a visão lateral por essa retratar de forma mais expressiva o formato geral da peça, não excluindo o uso pontual de outros pontos de vista, como no caso dos cachimbos tubulares em que a visão superior da peça proporciona uma melhor representação de características importantes da peça. Nas figuras, foram deixadas áreas em

branco para representar as quebras nas peças e linhas pontilhadas representam os espaços ocultos da peça – no caso dos cachimbos históricos as linhas representam apenas uma projeção baseada no diâmetro da saída de ar –, de modo similar ao trabalho de Becker & Schmitz (1969) sobre os cachimbos do Rio Grande do Sul e o trabalho de Morales (1999) sobre a coleção etnográfica de cachimbos do Museu de Arqueologia e Etnografia da USP. Deve-se ressaltar que Luna (2001) já propôs uma classificação das formas de alguns desses cachimbos, com menos formas identificadas e baseando-se quase que exclusivamente na angulação do forninho com o cano, além de outras pesquisas como a de D’Aquino (2001) que trata dos cachimbos da Amazônia.

Assim, são essas as formas identificadas:

FORMA	SÍTIO(S)	
Forma 1	Justino; Porto Belo II; Dom Helder.	
Forma 2	Justino.	
Forma 3	Justino.	
Forma 4	Justino.	

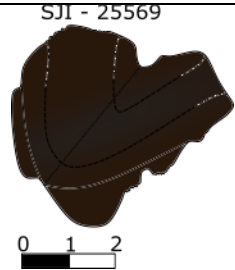
Forma 5	São José I; Barracão.	
---------	-----------------------	---

Tabela 1: Tabela de Formas dos Cachimbos do Xingó

FORMA 1 – Cachimbo Rabo de Peixe

A primeira forma a aparecer no registro arqueológico é o cachimbo em formato de rabo de peixe, tradicionalmente tratado como elemento característico da fase Curaçá definida por Valetín Calderón. A tradição foi originalmente descoberta em locais próximos ao Rio São Francisco no estado de Pernambuco em sítios cemitérios, as cerâmicas são basicamente vasilhas, além dos característicos cachimbos, o lítico se restringe aos tembetás descritos como feitos de amazonita. O material constatado se encontrava em superfície na maioria dos sítios pertencentes a essa fase, sendo alguns deles encontrados no que foi registrado como montes de areia, possivelmente dunas. Os sepultamentos descritos se caracterizam por enterramentos primários em covas rasas com corpo inumado em posição fetal acompanhados de tigelas ou cadáveres inumados em covas circulares com as pernas fletidas e acompanhados pelos cachimbos e tembetás característicos (LUNA, 2001).

Os cachimbos encontrados são tubulares com um achatamento na parte proximal formando o elemento característico que é basicamente um par de proeminências que se assemelham à cauda de um peixe, justificando a nomenclatura. Todos os cachimbos estudados são moldados, no contexto pré-Contato, a partir de uma única bolota de argila, os cachimbos rabo de peixe são produzidos em argila vermelha sobre alguma ferramenta para criar o forninho que ao ser retirado desse utensílio criaria as estrias que são identificas no interior das peças. Os artefatos apresentam a saída para inalação de fumaça em formato circular com diâmetro médio de 6 milímetros, e a borda mais espessa que as paredes. O antiplástico é basicamente quartzo muito angular com espessura superior à 1 milímetro, juntamente de mica e eventualmente feldspato, assim o antiplástico representando cerca de 20% da pasta cerâmica e superfície externa com alisamento fino. Os cachimbos tubulares não apresentam nenhum tipo de elemento que distinga o forninho do cano, formando no seu interior um único vão que se afunila desde a borda até a saída da chaminé.

FORMA 2 – Cachimbo Piriforme

Este formato de cachimbo é o de maior dimensão e, aparentemente, é constituído de uma única bolota de argila com quartzo, mica e uma baixa presença de óxido de ferro com alisamento fino. A peça é o primeiro tipo de cachimbo identificado em formato de cotovelo, ou seja, o forninho cilíndrico se projetando de forma perpendicular ao cano de inalação, assim surge no registro arqueológico uma diferença clara entre o forninho e o cano, este que passa a ser um duto estreito e longo comum diâmetro de 4 milímetros que liga o refratário da planta que está sendo consumida e a saída de ar por onde a fumaça é inalada. A borda do forninho é extrovertida e de lábio arredondado, o elemento caracterizante desta forma está na base, uma grande quantidade de argila se acumula junto a base do cachimbo formando um contorno quase triangular que remete as vasilhas piriformes da tradição Aratu (LUNA, 2001; ALMEIDA & KLOKLER, 2016).

FORMA 3 – Base plana

O terceiro formato é mais um modelo de cachimbo em cotovelo, este tipo de cachimbo tem dimensões menores que os demais e traz características do modelo anterior. Um modelo em cotovelo com a base plana que forma um contorno próximo de um modelo piriforme sendo a extremidade proximal mais fina e a extremidade oposta é arredondada dando uma forme de gota à base do cachimbo (Figura 6). Outra diferença está no acúmulo de argila junto à base, no modelo em questão, esse acúmulo é achatado e bem menor, este é o único modelo pré-contato a apresentar um receptáculo cilíndrico ainda mantendo lábio arredondado, o cotovelo forma uma angulação pouco acima dos 90° em relação ao cano.



Figura 6: Detalhe da base de um cachimbo “Forma 3”

FORMA 4 – Contorno elíptico

O último modelo analisado por essa pesquisa que se encontra em contexto pré-Contato, neste caso o forninho se projeta diagonalmente para a parte distal da peça num formato cônico aberto, tem como antiplástico quartzo, feldspato e mica com espessura menor que 1mm compondo aproximadamente 20% da pasta, o alisamento é liso se aproximando de um polimento. A base, juntamente com a angulação do forninho, é um dos elementos que o diferencia dos demais, o cachimbo tem a base menos arredondada e levemente abaulada com uma protuberância que circunda todo o contorno da peça dando a ela um formato elipsoide se vista de cima (Figura 7). Mais uma vez a diferença entre a parte refratária e o duto para inalação de fumaça se apresenta perceptivelmente como se torna padrão entre os cachimbos em cotovelo.



Figura 7: Vista superior de um cachimbo “Forma 4”



Figura 8: Lateral de um cachimbo “Forma 4”

FORMA 5 – Histórico

O modelo de cachimbo encontrado em contextos históricos apresenta uma grande diferença dos demais modelos, sendo, nesse caso, feito de argila escura com quartzo e mica arredondado como antiplástico. Nos cachimbos fragmentados é possível notar que este utensílio foi moldado a partir de duas massas de argila: uma que foi utilizada na confecção do forninho e a segunda utilizada para fazer o cano. Nesse tipo de cachimbo, a abertura da chaminé é mais larga, possivelmente para encaixe de alguma haste oca para sucção da fumaça como ocorre nos cachimbos da atualidade.

O cachimbo histórico é o primeiro a apresentar decoração, com linhas verticais e horizontais executadas em inciso fino por toda parede do forninho e do cano. Em algumas peças existe decoração feita em aplique na parte distal do forninho e na base do cachimbo, podendo apresentar apliques funcionais, como alças e apoios que facilitassem o transporte.

Um último elemento particular dos cachimbos históricos é o lábio do forninho que é plano, já que em todos modelos pré-Contato este é arredondado; bem como a terminação da chaminé que também se apresenta num lábio plano. Ademais, todos os cachimbos desse modelo que foram analisados nessa pesquisa têm borda direta, com forninho cilíndrico.

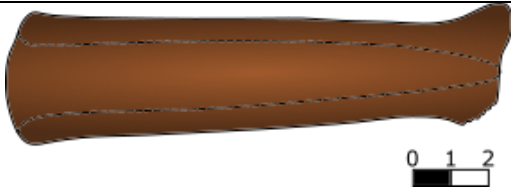
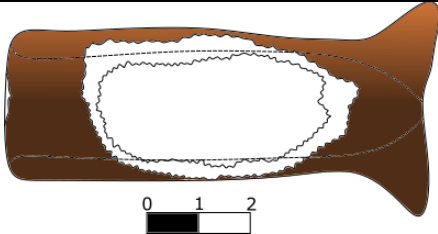
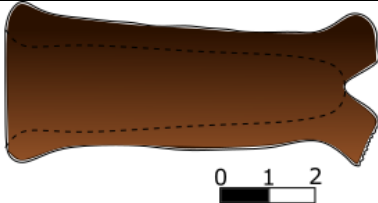
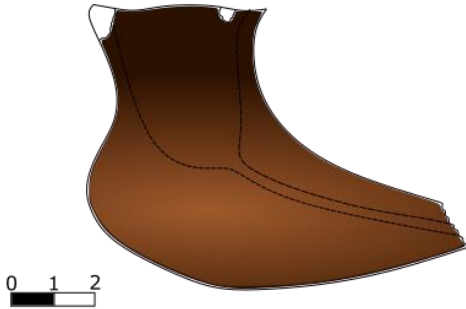
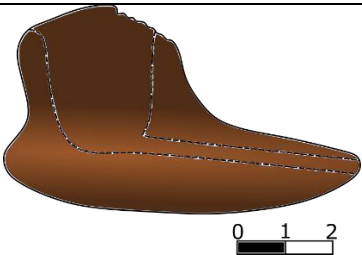

2.3 - OS CACHIMBOS DO XINGÓ

Ao fim da pesquisa nos acervos do MAX e do LAPSO, 21 peças foram analisadas e inventariadas, entre cachimbos inteiros, fragmentados e fragmentos. Todos foram analisados conforme suas características técnicas e morfológicas seguindo os modelos de análise cerâmica propostos por Chymz (1976) e La Salvia & Brochado (1989) mesmo que considerando as particularidades dos cachimbos para compreender o funcionamento desta ferramenta tão especializada.

Os cachimbos analisados foram escavados e inventariados seguindo diferentes metodologias que melhor satisfizessem as demandas do contexto das pesquisas, sendo que a disparidade entre o tamanho dos sítios e a densidade temporal fez que essas peças fossem registradas de forma que se torna difícil a compreensão de origem e localização no sítio. Assim, os números de identificação das peças variam de sítio pra sítio e aqui serão apresentados de acordo com seu número de tombo original do mais antigo para o mais recente. Com intuito de melhor retratar as peças históricas e sua decoração, essas peças são representadas aqui em fotografias coloridas com escalas, as demais peças seguem sendo ilustradas por imagens vetorizadas a partir de desenhos elaborados em escala seguindo os critérios já citados.

Os cachimbos do Sítio Justino

Sítio Justino			
Peça	Esqueleto	Nível	Forma

18781	133	23	
18793-1	130	22	
18779	145	18	
18793	102	13	
27738	82	10	
18780	60	10	

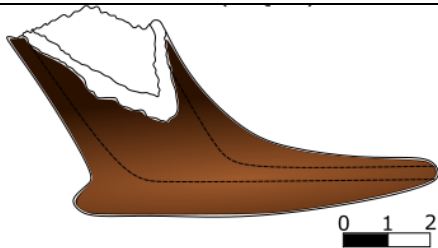
25569	92	9	
-------	----	---	--

Tabela 2: Cachimbos do sítio Justino.

Cachimbo 18781: Peça encontrada ligada ao enterramento nº 133 que foi retirado do nível 23, assim considerado por Vergne (2002 apud CARVALHO, 2007) como elemento da primeira ocupação ceramista do São Francisco. O cachimbo tubular em formato de rabo de peixe apresenta fuligem nas fases externa e interna com alisamento fino na fase externa medindo 12 cm de comprimento. Em uma das extremidades da chaminé, apresenta uma pequena quebra que tem as pontas arredondadas assim como a reentrância entre esses extremos com a borda do forninho expandida. A peça avermelhada ainda apresenta manchas escuras na superfície da cerâmica provavelmente originadas no momento da queima.

Cachimbo 18793-1: Associado ao enterramento nº 130 no nível 22, o cachimbo tubular em forma de rabo e peixe mede 7,2 cm, apresenta fuligem na fase interna e manchas escuras na face externa. As extremidades da chaminé são mais apontadas e a reentrância que se forma próximo à saída de ar nesse cachimbo é menos evidente e quase não existe. O meio da peça é o ponto mais largo, lugar onde apresenta uma quebra que forma um buraco na parede do cachimbo que permite visualizar com clareza a face interna do forninho.

Cachimbo 18779: Peça encontrada junto ao enterramento nº 145 no nível 18. O cachimbo tubular em forma de rabo de peixe mede 8 cm e assim como a primeira peça apresenta uma pequena quebra em uma das extremidades e tem a borda do forninho expandida. Os extremos da chaminé são mais uma vez arredondados com a reentrância entre elas bem perceptível, com fuligem na face interna e a cerâmica está escurecida em comparação com a cor original da argila.

Cachimbo 18793: Primeiro cachimbo do cemitério B do Justino, essa peça foi encontrada junto ao enterramento nº 102, no nível 13. O cachimbo em cotovelo mais antigo do sítio, tem o forninho que se ergue perpendicularmente ao cano, único cachimbo “Forma 2” se destaca pela grande quantidade de argila localizada na base da peça em relação ao tamanho do forninho que possui volumetria menor que os cachimbos tubulares e pouco diferente dos

demais cachimbos em cotovelo, este apresenta fuligem nas faces interna e externa com coloração amarronzada. O duto de ar é fino, 4mm de diâmetro, e o cachimbo mede 9,2 cm de comprimento e 6,4cm de altura, a base em seu ponto mais largo chega a medir 4 cm, este cachimbo tem a base bem côncava e as extremidades laterais arredondadas, o cano se afina a medida que se aproxima da chaminé.

Cachimbo 27738: Cachimbo de “Forma 3” encontrado no conjunto funerário do enterramento nº 82 no nível 10, mede 6 cm de comprimento, 3,6 cm de largura e largura máxima de 3,2 cm com um duto de ar de apenas 2mm de diâmetro. A menor das peças do Justino, apresenta fuligem na parte interna do forninho e alisamento fino da face externa com coloração é amarronzada. Existem quebras na borda da chaminé, bem como na borda do forninho, este que é de pequena volumetria que os demais cachimbos em cotovelo. O elemento principal é a protuberância ao longo das extremidades que diferente do cachimbo da “Forma 2” é mais achatada e a base é menos arredondada, esse elemento vai se tornando menor até se tornar imperceptível próximo à chaminé.

Cachimbo 18780: Encontrado no enterramento 60, no nível 10, este cachimbo se assemelha à peça anterior, medindo 5,9 cm de comprimento, 3,7 cm de largura máxima e com 3,2 cm de altura. Apresenta a mesma protuberância da peça do enterramento nº 82 (27738), sendo que nessa peça esse elemento é mais arredondado na parte distal do cachimbo, o forninho é menor e o duto de ar maior. Nesse cachimbo, o forninho é cônico-constrito e se projeta levemente para fora.

Cachimbo 25569: O último cachimbo do Justino foi encontrado no nível 9, ligado ao enterramento 9, no nível mais recente do cemitério B. O cachimbo é maior que seus predecessores medindo 9,7 cm de comprimento e 4,5 cm de altura é o único exemplar do que foi definido como “Forma 4” e seguindo a descrição dessa forma, o cachimbo se caracteriza pelo formato da base, elipsoidal e achatada, o forninho é cônico-aberto alto e também se projeta para fora, o duto de ar tem diâmetro de 5 mm. Este cachimbo apresenta quebras em quase toda borda do forninho e na extremidade proximal perto da chaminé, o alisamento da face externa é fino e reflete bem a luz, se aproximando de um tratamento de polimento.

Cachimbos do Sítio São José I



Sítio São José	
SJI-25569	
SJI-25569(1)	

Tabela 3: Cachimbos do sítio São José I.

Cachimbo SJI-25569: Peça fragmentada, trata-se do forninho de um cachimbo histórico feito em argila escura com decoração plástica por toda parede. A quebra no cotovelo torna visível o ponto de junção entre a massa de argila que forma o forninho e o cano. A decoração é feita em inciso fino apresentando linhas verticais e decoração em baixo relevo, além de aplique com um orifício transversal que poderia ser utilizado como algum tipo de alça.

Cachimbo SJI-25569(1): Cachimbo inteiro, bem conservado, também fabricado em argila escura a partir de duas bolotas de argila. Mede 4,4 cm de comprimento e 3,6 cm de altura, embora seja de pequenas dimensões o orifício da chaminé tem um diâmetro de 7 mm quase o dobro dos cachimbos pré-contato de dimensões comparáveis. A peça é decorada com inciso fino no forninho e no cano, e com exciso apenas no cano próximo à extremidade proximal da peça, a decoração ainda conta com apliques na base e na parte frontal do forninho, este que se projeta para cima com angulação de aproximadamente 45° em relação ao cano diferenciando-

o dos cachimbos em cotovelo do Justino, que se projetam com angulação igual ou acima de 90°.

Cachimbos do Sítio Barracão




Sítio Barracão	
Cachimbo 70725	
Cachimbo 70377	
Fragmentos (Camada 01)	

Tabela 4: Cachimbos do sítio Barracão.

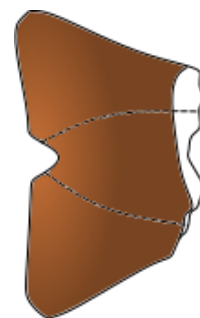
Cachimbo 70725: Cachimbo fragmentado encontrado na camada 03 apresenta somente o forninho com a quebra no cotovelo, mais uma vez evidenciando a junção das bolotas de argila. O cachimbo não apresenta marcas de uso, a decoração é inciso fino em linhas verticais e horizontais e uma faixa de decoração excisa, na parte frontal do forninho existe um aplique com um pequeno orifício transversal, uma possível alça.

Cachimbo 70377: Fragmento de cachimbo sendo a parte distal do o forninho apresentando borda e grande parte da parede, o fragmento tem fuligem nas faces interna e externa. A decoração é feita em inciso fino formando triângulos numa faixa expandida na parede da peça sendo delimitada por uma faixa de decoração junto ao lábio em inciso fino formando uma sequência de linhas diagonais e paralelas, uma faixa de decoração similar existe logo abaixo da parede expandida. O aplique mais uma vez apresenta um orifício transversal, como os apliques descritos em outras peças encontradas no contexto colonial. A peça permite notar a maior profundidade do forninho quando comparado aos cachimbos históricos, a parede por sua vez é mais espessa diminuindo o diâmetro do receptáculo. Por fim, a peça não oferece elementos que permita inferência sobre o cano ou o cotovelo.

Fragmentos Camada 01: Originalmente 9 fragmentos foram encontrados na camada 01 do sítio, sendo que dois desses fragmentos foram consolidados. Hoje, as oito peças que compõem a mesma amostra são fragmentos diminutos, 7 delas fragmentos de borda e um de parede, é possível afirmar que este último é fragmento da parede do forninho por apresentar decoração incisa similar as encontradas nos fragmentos de borda. Seis desses fragmentos apresentam fuligem na face externa, todos tem alisamento fino na face externa e são fabricados em argila marrom claro. (Peças nº 70254-59; 70184-3/70184-1, consolidadas; 70063-43; 70260-; 70184-2; 70063-29; 70184-; 70260-1)

Cachimbo do Sítio Porto Belo II

Cachimbo 16125: Fragmento da parte proximal de um cachimbo tubular em forma de rabo de peixe, fabricado em argila clara o fragmento corresponde justamente ao elemento diagnóstico dessa forma de cachimbo. As extremidades da chaminé são arredondadas e a reentrância é abrupta e



só aparece nas bordas da saída do duto de ar. O alisamento é fino e não apresenta marcas de uso.

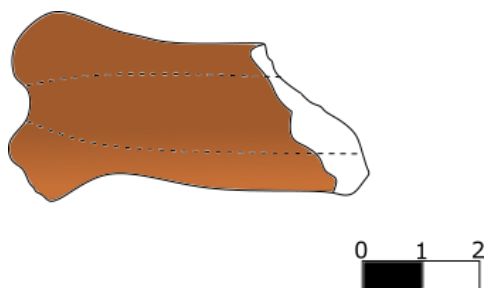


Figura 10: Cachimbo do sítio Dom Helder.

Cachimbo do Sítio Dom Helder

Único cachimbo encontrado nas pesquisas no Complexo Mundo Novo, o cachimbo se encontra bastante deteriorado com perda da maior parte da superfície original. A pouca área coberta com a superfície original apresenta um alisamento mais grosseiro que em outras peças desse formato, ainda existem quebras na borda do forninho e em uma das extremidades da chaminé, extremidades que são bem arredondadas.

2.4 - INTERPRETAÇÕES INICIAIS

A disposição em que as amostras foram apresentadas seguiram a uma ordenação na tentativa de se aproximar da ordem cronológica, sendo primeiramente apresentadas as peças das camadas mais fundas e indo em direção as camadas mais recentes; ou seja, das mais antigas para as mais recentes de acordo com o princípio da superposição, levando em consideração que os sítios não foram perturbados a ponto de alterar o perfil estratigráfico. No caso do Justino, o tipo de solo silto-argilo/arenoso favoreceu o registro estratigráfico e permitiu as primeiras escavações entenderem os terraços de ocupação e as camadas naturais desse registro (VERGNE, 2002).

Ao fim do PAX, foram escavados 13862 fragmentos cerâmicos do sítio Justino, dentro dessa enorme coleção foram evidenciados os sete cachimbos (LUNA, 2001) que hoje

se encontram na coleção de exposição do MAX e que foram analisadas por essa pesquisa. Seguindo a classificação dessa pesquisa duas das cinco formas apresentadas somente estão presentes nesse sítio, que apresenta quatro das formas. Isto posto, os cachimbos do Justino oferecem um testemunho de toda(s) a(s) ocupação(ões) ceramista(s) do sítio de maior relevância da área arqueológica do Xingó e do Baixo curso do Rio São Francisco. São justamente esses cachimbos que nos fornece a primeira noção de cronologia desses elementos.

Os cachimbos quando postos em ordem cronológica aparentam ter passado por dois processos de transformação: um mais rápido e um segundo mais gradual e mais longo. O primeiro momento de transformação se reflete nas alterações estilísticas dos cachimbos em forma de rabo de peixe, só presentes no cemitério C, pelos cachimbos em cotovelo, os três exemplares dos cachimbos tubulares se dispõem próximos um do outro no perfil estratigráfico do sítio, seguidos de uma série de camadas sem a presença de cachimbos só havendo presença de novos cachimbos no cemitério posterior. O primeiro cachimbo do cemitério B – Peça nº 18739, do enterramento 102 – é um cachimbo em cotovelo de maiores dimensões e novas particularidades supracitadas, esse cachimbo marca o início de um novo processo de transformações. Deste cachimbo em diante se inicia um processo paulatino de confecção de cachimbos cada vez menores e com um antiplástico melhor moído, esse cachimbo é seguido por um cachimbo bem menor que segue um formato parecido com um forninho que comportaria aproximadamente a mesma quantidade de tabaco ou quaisquer outras plantas que pudessem estar sendo consumidas. Para comportar essas plantas em brasa com uma quantidade cada vez menor de argila, mudanças na proporção da pasta devem ter acontecido, com o melhor processamento do antiplástico e o alisamento fino podendo ser algumas das mudanças que possibilitaram a produção de um cachimbo menor e igualmente eficientes.

Na contramão desses processos, surge o mais recente dos modelos pré-históricos analisados, onde o cachimbo é maior que seus antecessores, ainda que o formato seja parecido, a constante é a diminuição da espessura do antiplástico e o alisamento fino da face externa. Esse desvio no padrão pode demonstrar uma existência sincrônica de diferentes modelos de cachimbos ou até anular a ideia de que haja uma tendência de diminuição das peças. Esse último cachimbo foi encontrado na camada 09 sem datação, a camada 08 imediatamente acima apresenta datação de 2530 ± 70 anos AP e a camada logo abaixo data de 2650 ± 150 anos AP (FAGUNDES, 2010b), este sendo o último cachimbo pré-histórico com datação aproximada.

Sendo assim, existe uma grande lacuna de tempo entre o cachimbo pré-histórico mais antigo e os cachimbos históricos, um intervalo de aproximadamente 2000 anos AP. Os cachimbos históricos encontrados no Sítio Barracão se encontravam em camadas com presença significativas de materiais do período colonial, como material construtivo – principalmente telhas – e louças, essas que possuem decoração pintada a mão que remonta ao século XVII (Ver Figura 11). O sítio ainda apresenta em sua fase histórica, moedas do século XVIII e cerâmicas torneadas típicas do contexto histórico (MAX, 2006).



Figura 11: Louça do Sítio Barracão (Fonte: DE PAULA, 2018)

CAPÍTULO III – O CONTEXTO DOS CACHIMBOS

3.1 - AS DATAÇÕES

Até a finalização deste trabalho nenhum dos cachimbos ou fragmentos analisados foi submetido a algum método de datação absoluta, levando a pesquisa a compreender a temporalidade do objeto de pesquisa por meio de datações dos elementos associados aos cachimbos ou datações que estivessem no mesmo nível da escavação. Durante o PAX, uma grande quantidade de datações foi obtida utilizando diversos métodos arqueométricos, principalmente nos sítios cemitérios por sua enorme quantidade de materiais de interesse arqueológico. Com isso, a maior coleção de dados sobre datas vem do Sítio Justino e do São José II.

Novamente, a pesquisa seguirá se embasando na produção literária acerca do Justino. Os cachimbos desse sítio se dispõem em seis camadas diferentes (09, 10, 13, 18, 22 e 23), dessas só duas tiveram datações de materiais, a primeira – camada 10, a 1,10 m de profundidade – apresenta três diferentes datações feitas sob diferentes métodos, a datação por Carbono-14 feita pelo Instituto de Geociências da UFBA data de 2650 ± 150 anos AP; uma segunda datação por Dose Aditiva remonta a 2700 ± 620 anos AP feita pelo LabDat/UFS; e a última por termoluminescência que data de 2050 ± 140 anos AP também pelo Instituto de Geociências da UFBA. A segunda camada datada – a camada 13, a 1,40m de profundidade – tem duas datações diferentes, uma por Pré-Dose que data de 4310 ± 800 anos AP; e uma segunda datando de 3270 ± 135 anos AP feita pelo método Carbono-14. (FAGUNDES, 2010b)

As datações mostram uma longa ocupação por cada camada, visto que as datas de níveis diferentes – camada 10 e camada 13, por exemplo – algumas vezes são muito próximas ou até se sobrepõem, justificando as divisões propostas, seja por cemitérios como defende Vergne (2002 apud CARVALHO, 2007) ou por fases de ocupação que posteriormente foi apresentada por Fagundes (2010a). A nova divisão proposta deixa de se basear em critérios provindos das metodologias de escavação e usa as principais produções científicas como arcabouço para propor uma nova interpretação sobre o Justino, passando a entender o sítio em cinco camadas distintas de ocupação.

Os cachimbos do Justino foram encontrados entre a terceira e a quarta fase de ocupação, a fase 03 se caracteriza pelas evidências de ocupação e reocupação do sítio, que se

reflete na existência de poucos vestígios arqueológicos, sendo que a partir da camada 21 os períodos de ocupação se tornam mais longos com um aumento considerável dos vestígios cerâmicos. A fase 04 compreende o período de ocupação mais intensa do sítio, com aumento da variabilidade de materiais tanto em contexto funerário quando nos solos de ocupação podendo indicar um complexificação dos povos que ocuparam o Xingó (FAGUNDES, 2010a). Essa classificação pode ser facilmente lida nos cachimbos, já que os cachimbos encontrados nas camadas definidas como Fase 03 são de mesma forma e são provenientes das camadas onde houve a intensificação da presença de materiais, compreendida como testemunho dos maiores intervalos de ocupação, já os cachimbos da Fase 04 se apresentam em três formas diferentes em camadas mais recentes dessa fase (Camadas 13, 10 e 9).

Tabela 5: Fases de ocupação do Sítio Justino

	FASES	NÚMERO DAS OCUPAÇÕES	DECAPAGENS	PROFUNDIDADES	DATAÇÕES
CEM B	Fase 04	01	15-09	Intervalo de 0,60 m entre 1,70 e 1,00 m	3270 ± 135 AP (decapagem 13) 2650 ± 150 AP (decapagem 10) 2530 ± 70 AP (decapagem 08)
CEM C	Fase 03	03	21-16	Intervalo de 0,50m entre 2,30 e 1,70 m	4790 ± 80 AP (decapagem 20)
		02	28-22	Intervalo de 0,60m entre 3,00 e 2,30 m	Sem datação
		01	34-29	Intervalo de 0,50m entre 3,60 e 3,00 m	5570 ± 70 AP (decapagem 30)

Adaptado de FAGUNDES, 2010a. p. 77

3.2 – OS CACHIMBOS E OS SÍTIOS DO XINGÓ

Os cachimbos do Xingó se apresentam de maneiras diferentes e em contextos diferentes, visto que desde o modelo mais antigo peculiaridades marcam o entorno das peças.

Começando pelos cachimbos em forma de rabo de peixe. Nessa pesquisa, os cachimbos que se encaixam nesse formato - 5 peças, no total - foram encontrados em três sítios: o Justino, o Dom Helder e Porto Belo II. Foram dois cachimbos inteiros e um fragmentado no sítio Justino, um fragmento no Porto Belo II e um cachimbo fragmentado no Dom Helder. Em cada sítio, os cachimbos apresentam peculiaridades, sem que haja uma grande disparidade com o que foi definido como fase Curaçá por Calderón nos anos 1960.

No caso do cachimbo do Dom Helder, a principal peculiaridade está no fato de que a peça foi encontrada em superfície depositada aparentemente de forma proposital sobre o

bloco de rocha logo atrás de um paredão com pinturas rupestres, em 17 dos 19 sítios que caracterizaram essa fase, o material foi encontrado em superfície. (LUNA, 2001). O fragmento de cachimbo rabo de peixe do Sítio Porto Belo II se apresenta na camada 02, camada na qual foram identificados ferramentas líticas, fogueiras e restos ósseos, mais uma vez o cachimbo foi encontrado de forma consonante com a descrição da fase apresentada por Luna (2001).

Por último, chegamos aos cachimbos dessa fase encontrados no Sítio Justino, todos os cachimbos dessa ocupação foram encontrados ligados a sepultamentos similarmente ao que foi descrito por Calderón que relacionava os cachimbos rabo de peixe a sítios cemitérios. As demais formas de cachimbos encontrados nos sítios pré-Contato não foram associadas a nenhuma fase ou tradição, ainda que todos os cachimbos do Justino tenham sido encontrados em sepultamentos. Por sua amplitude cronológica, ocupação aparentemente ininterrupta e diversidade de artefatos, o sítio Justino passa a ser considerando um lugar persistente (FAGUNDES, 2010a; 2010b; ALMEIDA & KATER, 2017). Schlanger (1992 apud FAGUNDES, 2010a) define esse tipo de lugar como a conjunção de atividades humanas particulares e em uma paisagem particular; assim o Justino se torna ainda mais importante no contexto do Xingó.

Nos cachimbos históricos, a mudança que ocorre na confecção e forma dos cachimbos pode ser ligado ao um processo que Agostini (1997; 2009) descreve quando trata dos cachimbos de populações africanas e afrodescendentes escravizadas, onde os cachimbos desses povos passam a se parecer cada dia mais com os cachimbos europeus, passando a ser mais angulados, sofrendo mudanças na pasta e principalmente nas decorações, eventualmente essa assimilação poderia estar extinguindo certos aspectos culturais tais quais técnicas de produção próprias e o caráter mágico-religioso que os elementos em questão poderiam ter.

O mesmo poderia estar havendo com as populações ameríndias do baixo São Francisco após os primeiros encontros com os colonizadores europeus, e igualmente ao que Agostini (op. cit.) denota, aqui essas transformações na materialidade desses povos podem ser percebidas na análise de um único objeto que se repita no registro arqueológico. Schuster (2018) ao trabalhar com a cerâmica do sítio Cipó – a 230m de distância do sítio Barracão –, no município alagoano de Piranhas, percebe um aparecimento vagaroso de cerâmica torneada, alterações no modelo de decoração e na receita da pasta com uma proporção maior de

antiplástico que por sua vez é menos angular e de menor espessura ao chegar no período

Tabela 6: Descrição de porcentagem de antiplástico e angulo do quartzo nas peças do histórico do sítio, criando uma cerâmica de contato (MORALES, 2001; LUNA; 2001).

Nível	Porcentagem de Antiplástico				Angulosidade do Quartzo			
	5%	10%	20%	30%	Pouco Angular	Médio Angular	Muito Angular	Sem Quartzo
Camada11	1	24	15	13		29	24	
Camada10	20	20	14			31	23	
Camada 9	18	38	18		2	22	50	
Camada 8	28	76	43		4	52	91	1
Camada 7	15	42	43	2	1	35	66	
Camada 6	19	51	24		6	42	46	
Camada 5	5	42	39		31	50	5	
Camada 4	14	87	39	3	57	69	14	1
Camada 3	1	1	2		2		2	
Camada 2	24	77	86	6	37	116	40	
Camada 1	13	57	94	9	108	60	4	1
Limpeza	26	126	139	25	177	123	13	3
Superfície	8	109	153	32	217	80	2	3
Porc. %	11,02%	43,07%	40,72%	5,16%	36,49%	40,74%	21,83%	0,51%

Fonte: SCHUSTER, 2018. p. 79-80.

Alterações similares nas receitas das pastas dos cachimbos onde os cachimbos mais antigos apresentam grande quantidade de antiplástico pouco processado basicamente uma areia grossa seguido de uma diminuição na quantidade de areia e por fim, ao chegar no período histórico onde os cachimbos voltam a apresentar grande quantidade de antiplástico, porém numa espessura consideravelmente menor que seus pares pré-contato.

Tabela 7: Espessura e proporção de Antiplástico dos cachimbos inteiros e fragmentados

FORMA	Espessura do Antiplástico	Proporção de Antiplástico
-------	---------------------------	---------------------------

	<1mm	≥1mm e <3mm	≥3mm	10%	20%	30%
Forma 1		4	1	1	3	1
Forma 2		1			1	
Forma 3		2			2	
Forma 4		1		1		
Forma 5	4				3	1

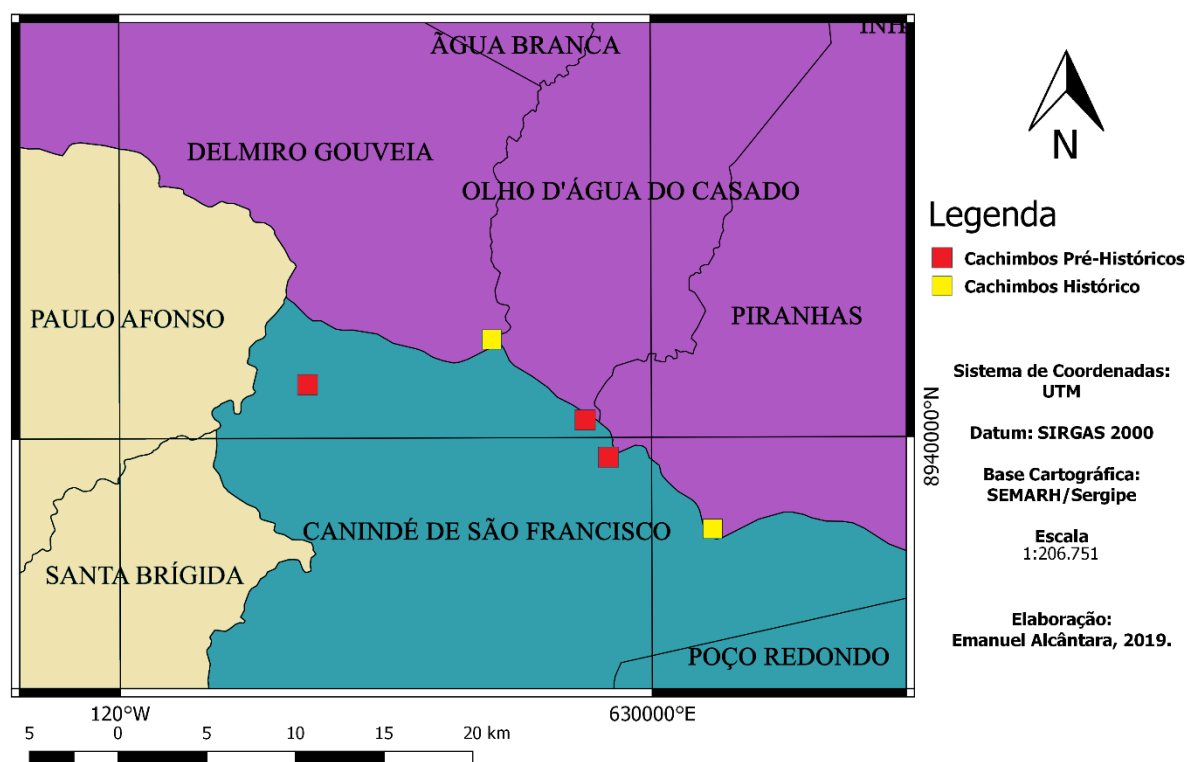


Figura 12: Mapa de localização dos cachimbos e seu período.

3.3 - OS CACHIMBOS HISTÓRICOS

Como já foi descrito, existem relatos etnográficos de povos indígenas que alteraram seus hábitos de consumo de tabaco após o contato com os colonizadores. Fenômeno similar foi percebido no registro arqueológico entre os africanos escravizados durante o

período imperial, e esse processo aparentemente se repete no registro arqueológico de sítios na área pesquisada. Os cachimbos que foram classificados como Forma 5 foram encontrados em sítios multicomponenciais que apresentam materiais notadamente históricos e se aprofundam até o contexto pré-contato. Nesses sítios (Sítio Barracão e Sítio São José I), os cachimbos se encontravam nas camadas superiores relacionados as louças que remontam o período colonial.

Em relação aos cachimbos históricos, o sítio Barracão fornece a maior quantidade de amostras, sendo um cachimbo fragmentado e 9 fragmentos dispostos nas três camadas mais superiores junto a faianças pintadas à mão e cerâmica histórica, principalmente telhas. Os cachimbos apresentam decoração plástica incisa como é identificado nos cachimbos do sítio São José I.

Em 2018, o Ministério Público Federal realizou uma Fiscalização Preventiva Integrada ao longo do rio São Francisco contando com uma equipe de Espeleologia e Arqueologia que verificou a existência de vários vestígios arqueológicos, como cerâmicas e uma embarcação. Os arqueólogos da equipe receberam o apoio dos moradores da Terra Indígena dos Xokó em Porto da Folha, município sergipano margeado pelo Rio São Francisco já em baixo curso a cerca de 70 quilômetros das corredeiras de Xingó. O Cacique Bá forneceu aos arqueólogos informações sobre os achados, revelando à equipe fragmentos de cachimbos encontrados durante obras de construção de novas casas na reserva de terras indígenas, os fragmentos foram fotografados e gentilmente disponibilizados para esta pesquisa.



Figura 13: Visões laterais de cachimbo Xokó (Cortesia de Leandro Duran)

O primeiro dos cachimbos Xokó encontrados em Porto da Folha é feito em argila escura com borda expandida e decoração plástica na face externa do forninho se assemelhando aos cachimbos analisados, ainda que com motivo da decoração diferente. O segundo cachimbo foi consolidado pelos próprios indígenas e apresenta uma decoração incisa que lembra a decoração presente no sítio Barracão, com triângulos em baixo relevo gravados na face externa do forninho e um inciso mais grosso formando linhas verticais paralelas que forma uma faixa que segue a circunferência da peça. Os cachimbos dos Xokó apresentam quebra no cotovelo podendo indicar o processo de confecção a partir de duas bolotas de argila de forma semelhante aos cachimbos históricos.



Figura 14: Visões laterais de cachimbo Xokó consolidado (Cortesia: Leandro Duran)



Figura 15: Detalhe do cachimbo 70377, Sítio Barracão.



Figura 16: Detalhe do cachimbo 70725, Sítio Barracão.

3.4 – OS CACHIMBOS NÃO ANALISADOS

Em um dos principais trabalhos sobre a cerâmica do Baixo São Francisco, Luna (2001) faz um levantamento dos sítios cerâmicos e compila dados sobre as coleções de vestígios desses sítios incluindo uma relação dos cachimbos encontrados em exclusivamente sítios pré-coloniais. Nessa relação, a autora contabiliza 11 cachimbos só no sítio Justino, um no sítio Porto Belo II e um no sítio Vitória Régia I. Ou seja, apenas no caso do sítio Porto Belo II, a presente pesquisa se alinha com o que Luna inventariou, e nos outros dois sítios diverge por motivos diferentes. Os números do sítio Justino divergem já que, para a produção deste escrito, só foram analisadas as peças inteiras e fragmentadas que fazem parte da coleção de exposição do MAX, não sendo analisados os cachimbos em reserva pela dificuldade em localiza-los, havendo uma peça que foi consolidada a partir de vários fragmentos. O trabalho fala de dois cachimbos em um único sepultamento (141) que teve material associado datado em 2650 anos AP (LUNA, 2001). Quanto ao cachimbo do Porto Belo II, Luna (op. cit.) descreve fragmento de cachimbo rabo de peixe com areia sendo usada de antiplástico e de queima incompleta; informações que condizem com os dados obtidos por essa pesquisa sobre o cachimbo do sítio Porto Belo II, levando a crer que são a mesma peça.

Uma das peças do sítio Justino que não foi analisada foi fotografada e a foto publicada na tese de doutorado de Luna (op. cit.), o cachimbo provavelmente é a peça consolidada a qual a autora se refere. Pelo que é visto na fotografia, a peça é um cachimbo angular com a terminação da chaminé mais fina do que o resto da peça e o mais peculiar é que essa terminação apresenta forma similar às chaminés dos cachimbos rabo de peixe. A base é achatada e apresenta uma massa de argila próxima ao forninho como as peças da forma 3, o forninho se projeta num ângulo de 90° em relação ao cano e aparenta ter uma volumetria pequena, próxima dos demais cachimbos forma 3. A peça mesmo depois de consolidada ainda tem uma perda de material que corresponde a quase metade da peça, a quebra longitudinal no forninho pode revelar com mais precisão os espaços vazios dos cachimbos em cotovelo.

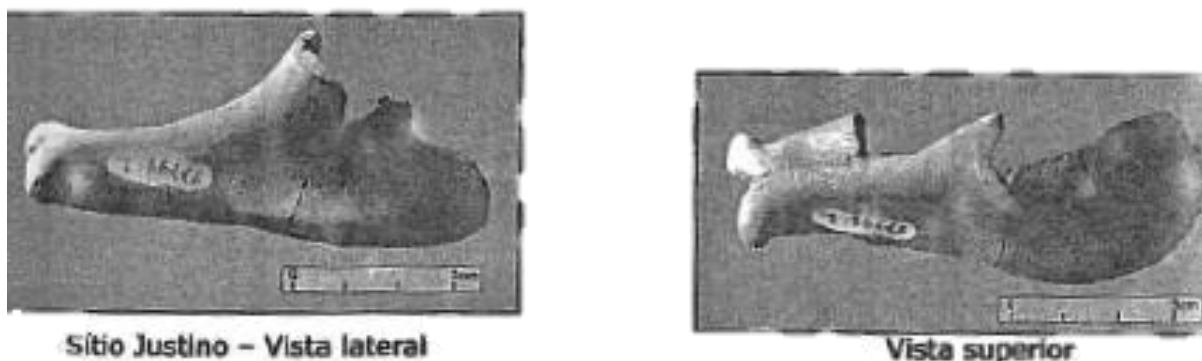


Figura 17: Fotografias do cachimbo consolidado, Sítio Justino (Fonte: LUNA, 2001)

Não foi encontrado o cachimbo do sítio Vitória Régia I, recentemente o material proveniente deste sítio foi novamente analisado e nenhum cachimbo foi relatado. O sítio Vitória Régia I foi mais um dos sítios escavados durante os trabalhos do PAX, localizado no município de Canindé de São Francisco próximo a confluência do riacho Portão com o rio São Francisco. O sítio está inserido em um complexo com mais três sítios (Vitória Régia II, III e IV), tendo sido escavado em níveis artificiais de 15cm em duas trincheiras, uma paralela e a segunda transversal ao curso do rio. A escavação atingiu 4,50 metros de profundidade na primeira trincheira e 1,75 metros na segunda trincheira. As escavações revelaram um sítio lito-cerâmico com vestígios faunísticos e fogueiras (DANTAS,2018). O cachimbo deste sítio é descrito originalmente por Luna (2001) como uma peça angular sem mais informações sobre a forma, a informações fornecidas são dados gerais sobre a coleção de cachimbos angulares resgatados no PAX, não sobre cachimbos específicos o que impossibilita maior coleta de dados sobre a peça em questão.

CONSIDERAÇÕES

Findadas as análises e as primeiras inferências, o trabalho chega ao ponto onde todos os dados devem ser interpretados e significados a fim de responder os problemas iniciais do trabalho. Nessa pesquisa, o trabalho de análise foi dificultado pelas escassas referências aos cachimbos nos relatórios de escavação dos sítios e a alocação com diferentes métodos de catalogação dos vestígios encontrados nos sítios. Assim, a pesquisa ocorreu se valendo da comunicação oral com demais pesquisadores do Laboratório de Paisagem e Sociedade e do Departamento de Arqueologia da UFS. Como foi dito no texto, hoje a região do Xingó já é bem representada dentro da produção acadêmica em termos de arqueologia, e foram esses trabalhos sobre os sítios da região, especialmente os sítios cerâmicos, que formou o arcabouço teórico no trato com os artefatos estudados.

Ao apresentar a história do manejo e do uso de tabaco ao longo dos últimos milênios pelos povos nativos da região, nota-se que a planta desde a sua descoberta pelos humanos tornou-se cara as populações. Amplamente manejada, a planta se espalhou rapidamente para fora de sua área original e passando a existir em quase toda extensão tropical e temperada do continente americano. O tabaco foi ressignificado por povos diferentes, tendo ou não um caráter mágico. Os povos estudados – povos Macro-Jê do Brasil central – tem uma relativa proximidade geográfica com a área original das variedades de tabaco mais difundidas e não apresentam funções para o tabaco além do uso recreativo, os casos em que o fumo é utilizado em cerimônias de cura podem ser entendido como uso medicinal, como fizeram os cronistas que viveram com esses povos.

Essa intensa relação dos povos Macro-Jê com o fumo poderia estar refletida na densa presença de cachimbos nos vestígios dessas populações, a repetição desses artefatos pode estar ligada a um relativamente intenso processo de confecção, uso e descarte. E é no descarte que as pesquisas arqueológicas podem entender essas peças, no caso do Justino fica claro a intencionalidade na disposição do cachimbo no sítio, já que está inserido em um ambiente projetado e faz parte de um cortejo funerário elaborado de forma consciente dos lugares onde cada peça estaria. Fora do Justino, os cachimbos se encontram dispostos de forma aleatória – ao menos, de forma que não foi compreendida – nos sítios estudados. Os cachimbos tubulares que foram achados fora do Justino não apresentam similaridades diretas entre si no que diz respeito à disposição. No sítio Porto Belo II, o cachimbo foi encontrado

numa camada onde foram encontrados ossos humanos, embora não haver relação aparente entre esses achados, o sítio é entendido como um local de ocupações rápidas e descontínuas, da mesma forma que o cemitério C do Justino em que os cachimbos tubulares foram encontrados, deve-se atentar para a datação muito recuada desses artefatos, remontando ao período do advento da cerâmica na região.

O sítio Porto Belo II fica próximo do sítio Talhado, um sítio de registros rupestres, considerando a possibilidade de relação entre os dois sítios, pode-se traçar uma relação entre o Porto Belo II e o Dom Helder. O sítio Dom Helder está localizado à aproximadamente 3 quilômetros do leito do Rio São Francisco, é um sítio de registro rupestres dentro de um complexo de sítios semelhantes entre abrigos sob rocha e paredões areníticos, nesse contexto que estava localizado o último cachimbo tubular dessa pesquisa. Atualmente, não há datações para o sítio Dom Helder, Porto Belo II e Talhado, a relação desses sítios entre si e com os cachimbos tubulares podem dar indícios sobre o período de ocupação dos sítios fazendo relações entre os vestígios cerâmicos desses sítios com sítios já datados enquanto não houver novas datações.

O sítio Justino é o único que apresenta os cachimbos em forma de cotovelo no contexto pré-colonial, partindo do princípio de que a necrópole do Justino fosse realmente um local que congregasse os povos que habitavam os platôs, de onde estariam vindo os cachimbos em cotovelo encontrados nos sepultamentos do cemitério B? Atualmente, as atividades de identificação e escavação de sítios do PROBASÃO poderiam elucidar essa questão quando somadas aos trabalhos acadêmicos em curso e em estágio germinal.

Foi notado desde as escavações, que o cemitério B do sítio Justino representa o momento de intensificação nas ocupações do sítio e, conseqüentemente, nos sepultamentos. O foco desta pesquisa fica para os níveis mais superficiais deste conjunto, mais precisamente os níveis 10 e 09 que neste pequeno intervalo apresentam cinco cachimbos, três deles analisados neste trabalho, sem maiores dados sobre os outros dois cachimbos. Essa maior ocupação do sítio se refletiu nos cachimbos no aumento no número de amostras e possivelmente nas formas, já que em três peças estudadas (peças nº 27738, 18780 e 25569) foram identificadas duas formas diferentes e nas duas peças de mesma forma já existem diferenças no formato do forninho. Permitindo ligar esse fenômeno ao número maior de pessoas e povos que utilizavam a necrópole do Justino.

Chegando ao contexto pós-contato, os cachimbos sofrem uma série de mudanças já apresentadas e essas mudanças que parecem surgir desde um momento inicial do contato entre os nativos e os europeus que possibilita a compreensão sobre como os hábitos de consumo de tabaco mudaram, e em alguns casos fora do Baixo São Francisco, surgiram. No Xingó, a relação com o fumo pode ser percebida desde o início do período ceramista há mais de 4000 anos, a chegada do colonizador mudou a confecção e forma dos cachimbos nativos e podem facilmente ter alterado os métodos e hábitos de consumo.

Não pode ser desconsiderado o fato de que há um intervalo temporal enorme sem informações sobre o fumo na região, a datação mais recente entre os cachimbos pré-coloniais remonta a ± 2050 anos AP e os cachimbos históricos só aparecem em contextos que podem ser ligados o século XVII, assim deixando um vácuo de informações sobre mais de 1500 anos de ocupação nativa no que tange aos cachimbos e seu uso.

Os cachimbos descritos e não encontrados podem revelar novas informações sobre cronologia e revelar novas formas. Os sítios que passam pelo período pré-colonial e pós contato são extremamente importantes em futuros estudos sobre os cachimbos, para que o vácuo de informações existentes possa ser sanado e devem ser os estudados com atenção redobrada, além dos cachimbos que podem estar nos casulos do Justino que ainda não foram abertos.

Já que os sítios escavados no PAX oferecem uma amostra reduzida das peças estudadas, as próximas fases desse projeto maior de estudos dos povos ceramistas por meio de análise dos cachimbos devem aumentar a área pesquisada para que consequentemente sejam encontradas mais amostras. As perspectivas são favoráveis ao estudo dos cachimbos, já que novas pesquisas acerca dos sítios estão sendo desenvolvidas, tanto no campo da análise do material cerâmico, quanto no campo da arqueometria; atualmente vários centros de pesquisas arqueológicas que vem revelando novos sítios, e especificamente, mais cachimbos. Da mesma forma, as parcerias com outras instituições no Nordeste brasileiro e o enriquecimento de fontes etnográficas e teóricas podem trazer um escopo científico maior para a pesquisa de forma a corroborar ou falsear as proposições feitas ao longo deste projeto.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, C. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. **Topoi**, v. 10, n. 18. 2009, p. 39-47

_____. **Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX**. Revista de História Regional, UEPG: Ponta Grossa, 1997.

ALMEIDA, F. O. & KLOKLER, D. M. **Do Sertão para o Mar: A Fluidez de Pessoas, Ideias e Estilos Tecnológicos na História das Populações Ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE)**. Projeto de pesquisa, 2016.

ALMEIDA, F. O.; KATER, T. As cachoeiras como bolsões de histórias dos povos indígenas das terras baixas sul-americanas. **Revista Brasileira de História**. v. 37, n. 75. 2017, p. 39-67.

BECKER, I. I. B. ; SCHMITZ, P. I. Cachimbos do Rio Grande do Sul. Pesquisas. **Antropologia**, São Leopoldo, v. 20, n.20, p. 139-162, 1969.

CALZA, C.; GASPAR, M. D.; DIAS, D.; COELHO, F.; FREITAS, R. P.; LOPES, R. T. Análise de peroleiras e cachimbos cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, n. 3, 2013. p. 621-638.

CARMODY, S. B.; CAFFREY, M. A.; LADY, B. S.; HORN, S. P. Palynological and chemical analyses of prehistoric pipe residues as evidence of tobacco use in Tennessee. **Tennessee Archaeology**. v. 8. n. 1. 2017. p. 4-15.

CARMODY, S. B.; KASSABAUM, M. C.; HUNT, R. K.; PRODANOVICH, N.; ELLIOT, H.; RUSS, J. Residue analysis of smoking pipe fragments from the Feltus archaeological site, Southeastern North America. **Journal of Archaeological Science**. n. 17. 2018. p. 640-649.

CARMONDY, S.; DAVIS, J.; TADI, S.; SHARP, J. S.; HUNT, R. K.; RUSS, J. Evidence of tobacco from a Late Archaic smoking tube recovered from the Flint River site in southeastern North America. **Journal of Archaeological Science**. n. 21. 2018. p. 904-910.

CARVALHO, O. A. **Paléoanthropologie des Nécropoles de Justino et de São José, Xingó, Brésil**. 1. ed. Aracaju: Sercore, 2008.

CHMYZ, I. (Ed). **Cadernos de Arqueologia. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica**. 2ª edição, N° 1, Museu de Arqueologia e Artes Populares. Universidade Federal do Paraná, Paranaguá – PR. 1976.

DANTAS, B. G.; SAMPAIO, J. A. L.; CARVALHO, M. R. G. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, M. C. (Org) **História dos índios no Brasil**. Ed. Companhia das Letras, São Paulo – SP. 1992. p. 413-430.

DANTAS, E. N. **As escolhas do tempo na cerâmica arqueológica no sítio Vitória Regia I, Xingó**. (Monografia). Departamento de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2018.

DANTAS, V. J.; LIMA, A. T.: **Pausa para um Banquete**: Análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco - SE. Museu de Arqueologia de Xingó. 2006.

DE PAULA, I. P, **Muitos sítios pequenos ou alguns sítios imensos no Baixo São Francisco**. Projeto de Iniciação Científica. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – SE. 2018.

ECHEVERRÍA, J.; PLANELLA, M. T.; NIEMEYER, H. M. Nicotine in residues of smoking pipes and other artifacts of the smoking complex from an Early Ceramic period archaeological site in central Chile. **Journal of Archaeological Science**. n. 44. 2014.

FAGUNDES, M. Análise intra-sítio do sítio Justino, baixo São Francisco - As fases ocupacionais. **Revista de Arqueologia**. v. 23, n 2. 2010, p 68-97.

_____ Entendendo a dinâmica cultural em Xingó na perspectivas inter-sítios: Industrias líticas e os lugares persistentes no baixo vale do Rio São Francisco, Nordeste do Brasil. **Arqueologia Iberoamericana**. n. 6. 2010. p. 3-23.

GASPAR, M. D. Arqueologia, cultura material e patrimônio. *Sambaquis e cachimbos*. In: GRANATO, M; RANGEL. M. F. (Orgs.) **Cultura Material e Patrimônio da ciência e tecnologia**. Museu de Astronomia e ciências afins. Rio de Janeiro, 2009. p. 39- 52.

GHIGGI, V. P., **A Linguagem Simbólica Nas Pinturas Parietais Da Fazenda Mundo Novo-Sergipe**. Dissertação de Mestrado. Univesidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – SE. 2015.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Ed. Posenato Arte & Cultura. Porto Alegre – RS. 1989.

LIMPKIND, W. The Carajá. In: STEWARD, J. H. **Handbook of South American Indians**, vol. 3. Government Print Office. 1948. p. 179-202;

LOWIE, R. H, The Bororo, In: STEWARD, J. H. **Handbook of South American Indians**, vol. 1. Government Print Office. 1946. p. 418-434

_____ The Northwestern and Central Ge, In: STEWARD, J. H. **Handbook of South American Indians**, vol. 1. Government Print Office. 1946. p. 477-517.

LUNA, S. C. A. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco, Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.

_____ Os povos ceramistas pré-históricos do baixo São Francisco. **Clio Arqueológica**. v. 2. n. 19. 2005. p. 79-103. **Canindé**. n. 8. 2006. p. 167-207.

_____ As pesquisas arqueológicas sobre cerâmicas no Nordeste do Brasil.

MARQUES, R. P. Um Estudo De Caso Sobre O Fumo, O Uso Dos Cachimbos E As Práticas De Fumar Entre Os Mbyá-Guarani (RS). **Espaço Ameríndio**. v. 6. n. 1. 2012. p. 97-118.

MENDES JR. J. Q. **Os ocupantes da Lagoa do Portinho, Piauí, Brasil: os artefatos em ambiente dunar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Piauí. Teresina – PI, 2012.

MÉTRAUX, A. The Botocudo. In: STEWARD, J. H. **Handbook of South American Indians**, vol. 1. Government Print Office. 1946. p. 430-440.

MORALES, W. F. Os cachimbos cerâmicos do MAE/USP: apresentação de uma coleção. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 9. São Paulo – SP, 1999. p. 207-221.

SILVA, M. S. N. **Relatório Final Projeto Do Sertão Para O Mar: A Fluidez De Pessoas, Ideias E Estilos Tecnológico Na História De Populações Ceramistas Do Baixo São Francisco**. Projeto de Iniciação Científica. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – SE. 2018.

OYUELA-CAYCEDO, A.; KAWA, N. C. A deep history of tobacco in Lowland South America. In: A. RUSSELL; RAHMAN, E. **The Master Plant: Tobacco in South America Lowland**. Bloomsbury. 2015. p. 27-44

PROJETO DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DO XINGÓ. **Salvamento Arqueológico de Xingó: Relatório Final**. Museu de arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, 2000.

_____ **Relatório parcial das escavações e trabalhos laboratoriais do Sítios Barracão, Barragem e Cipó – Canindé do São Francisco**, 2006.

_____ **Levantamento de sítios arqueológicos no baixo São Francisco: a jusante da UHE do Xingó**. MAX/UFS, Canindé de São Francisco, 2007

_____ **Relatório Final das escavações e análises laboratoriais dos sítios Barracão, Cipó e Barragem**. MAX/UFS, Canindé de São Francisco, 2007

SCHUSTER, A. J. **Variabilidade Cerâmica Do Sítio Cipó – AL, Xingó**. Monografia, Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – SE, 2018.

VERGNE, M. C. DE S. **Arqueologia do Baixo São Francisco estruturas funerárias do sítio Justino, região de Xingó, Canindé de São Francisco, Sergipe**. Tese de Doutorado. MAE/USP. São Paulo, 2004.

WILBERT, J. **Tobacco and Shamanism in South America**. 2ª Ed. Yale University Press, 1993.